

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO

Director — *Prof. Dr. Mendes Corrêa*

ESTUDO ANTROPOLÓGICO E ETNOGRÁFICO  
DA  
POPULAÇÃO DE S. PEDRO (MOGADOURO)

POR

JOAQUIM RODRIGUES DOS SANTOS JÚNIOR

Assistente de antropologia na Faculdade de Ciências do Porto

No ano lectivo de 1920-1921, em que frequentei a cadeira de Antropologia Geral na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, pensei em colher umas notas antropológicas e etnográficas como pequeno trabalho de investigação original.

A escolha recaiu sobre a povoação de S. Pedro, concelho de Mogadouro, por aí ter mais facilidade do que em qualquer outra parte, em conseguir indivíduos que se prestassem a ser medidos, assim como em obter as informações que me fôsem necessárias.

Foi sob as indicações e estímulos do meu prof. sr. dr. Mendes Corrêa, que a tal fui levado.

Sua ex.<sup>a</sup> forneceu-me o material necessário à investigação que me propunha fazer, e, guiado pelos seus conselhos e orientado por tão querido Mestre, obtive as instruções indispensáveis para o conseguimento do meu objectivo.

Sem o seu tão proveitoso auxílio nada teria feito.

Não devo pois passar adiante sem deixar aqui assinalado o meu profundo reconhecimento e gratidão, acompanhados do maior respeito, ao sr. prof. dr. Mendes Corrêa.

\*

\* \*

Foi nas férias da Páscoa do ano lectivo mencionado que comecei a recolher êstes apontamentos.

Nas férias seguintes consegui aumentar o número de observações antropométricas, assim como obter dados, quer directamente, quer por informação, para uns capítulos de etnografia.

É pequeno o número de casos sobre que assenta este trabalho: mas, em virtude da povoação ser pequena e de exíguo número de habitantes, poucos mais podiam ser os indivíduos a observar, principalmente do sexo masculino.

É de 47 o número de casos, sendo respectivamente 27 do sexo masculino e 20 do sexo feminino.

Em ambas as séries há indivíduos com idade inferior a 20 anos. O número destes é de 8, sendo 5 na série feminina e 3 na masculina.

No plano do meu trabalho começarei pelo estudo do grau de nutrição, cor dos olhos, da pele e dos cabelos, perfil do nariz, dentadura e maior ou menor abundância de barba (entre os caracteres descritivos)—e dinamometria, estatura, índice esquelético, índice cefálico, índice nasal, índice anterior, índices verticais, índice facial, comprimento da mão, do palmo, largura da boca, relação centesimal entre a braça e a estatura e proporção da altura total da cabeça à estatura (entre os caracteres métricos).

A última parte será constituída por uns capítulos de etnografia, onde procurei reunir alguns factos e observações da vida moral e material dos transmontanos de S. Pedro.

\*  
\*   \*  
\*

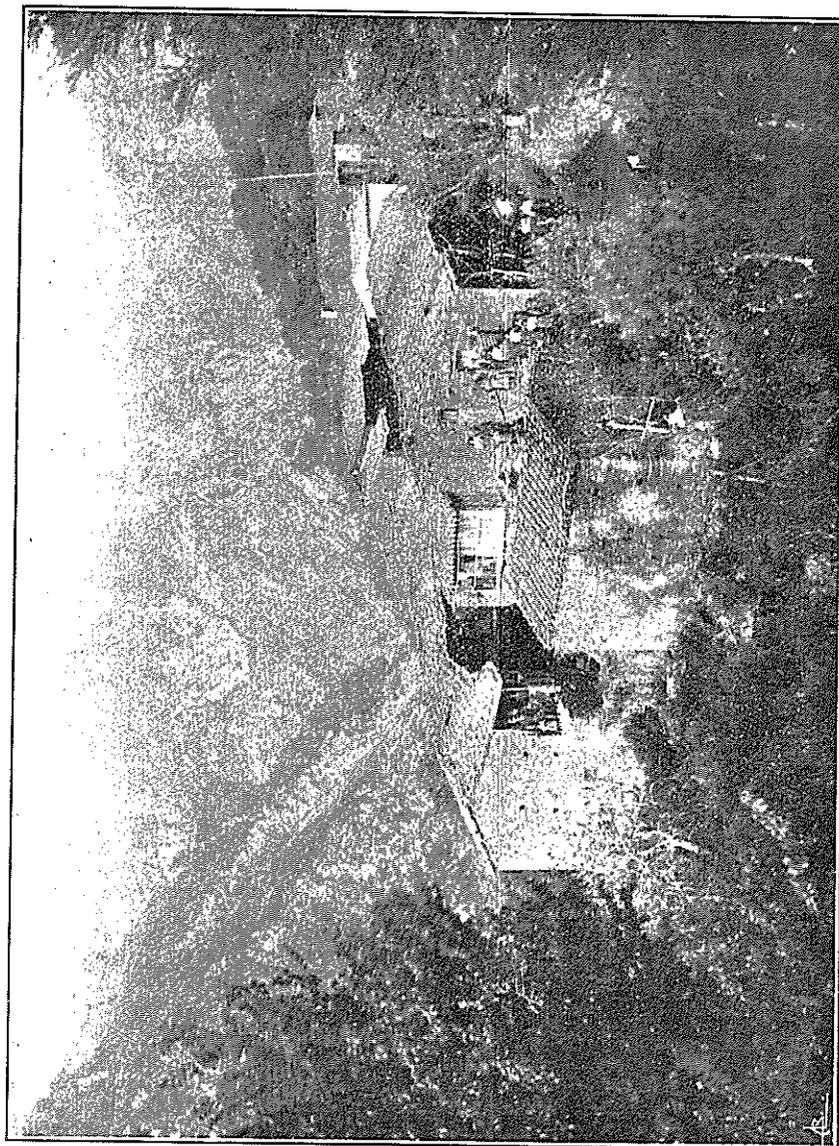
Este modesto trabalho apresentará, sem dúvida, muitos erros e deficiências.

Em minha defesa, porém, nada mais alego do que a falta de qualidades pessoais capazes de melhor produzir.

SANTOS JÚNIOR

EST. I

Estudo Antropológico e Etnográfico



Vista parcial da povoação

## A região

A freguesia de S. Pedro, ou quinta de S. Pedro, como mais vulgarmente é denominada, pertence à freguesia de Meirinhos e está incluída no concelho de Mogadouro, um dos abrangidos pelo distrito de Bragança.

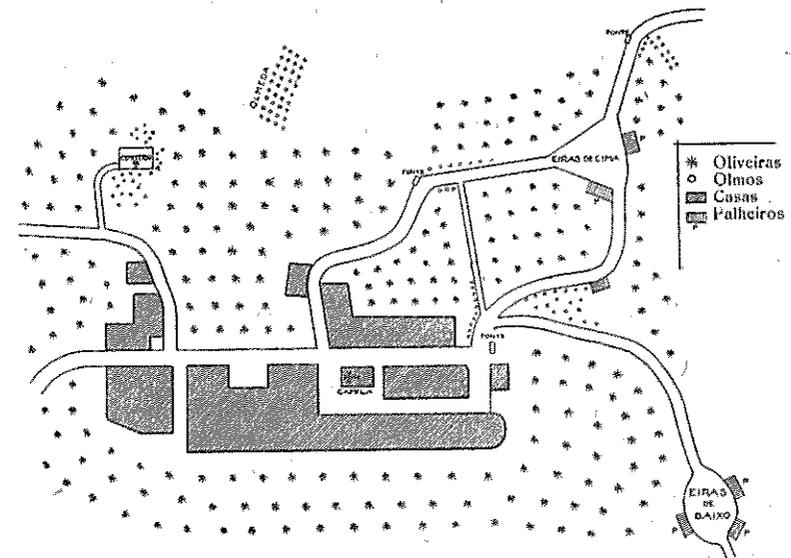


Fig. 1 — Topografia da povoação

A quinta de S. Pedro é limitada a norte pela ribeira que tem o nome da povoação, a sul pela ribeira da Cachoêda, a leste em parte pela ribeira de S. Pedro e em parte por uma linha arbitrária que se estende por sôbre um planalto coberto de campos de sementeira, e a oeste pelo rio Sabor.

O aspecto da região é soberbo de grandiosidade. As encostas que formam os vales fundos onde correm regatos de carácter torrencial, são muito íngremes e, em determinados pontos, cortadas quasi a prumo.

Algumas delas, as mais suaves, estão cobertas de velhas oliveiras e verdejantes amendoeiras; noutras cresce o centeio e o trigo, mas em muitas nada mais há do que estêvas (*Cistus ladaniferus*, Lin.), cornalheiras (*Pistaceae therebintus*, Lin.), sobreiros (*Quercus suber*, Lin.), arçã (*Lavandula stœches*, Lin.), e outras plantas rasteiras.

Nos vales erguem-se muito verdes os olmos esguios.

Lugares há em que ao aspecto da região pode caber a designação de « belo-horrível »; são precipícios cortados quasi a prumo com 50 e 60 metros de profundidade. Um dos maiores é o conhecido pelo nome de *pala da manta*: do planalto vai descendo o terreno suavemente, até que a certa altura se abre diante de nós um corte quasi a prumo com 60 metros ou mais de profundidade; a meio deste corte há uma espécie de varanda em toda a sua extensão, com uns 5 metros de largura, e noutros pontos com menos. É aí que passa o caminho que leva à povoação vizinha de Valverde.

Estes precipícios, em muitos pontos inacessíveis, são escolhidos pelas abetardas, bufos e outras aves de rapina, como local de construção dos seus ninhos.

Aí, como nas encostas próximas, há geralmente fragas, com pouca vegetação, e o seu aspecto é agreste e triste.

É este o carácter predominante da região; porém tal ar de tristeza e de solidão desaparece, à medida que nos aproximamos da povoação que é formada por umas trinta e tantas casinhas, pequenas e muito aconchegadas.

A povoação, já pelo seu conjunto tendo a meio a capelinha única que é caiada de branco, já por ser rodeada de verdejantes olmos e grande número de árvores de fruto, é mais alegre e tem um ar de paz confortante e ao mesmo tempo de garridice que nos enleva.

## Clima

O clima da região tem os caracteres gerais do clima de Trás-os-Montes, que, como sabemos, é caracterizado por grande abundância de chuvas, grande elevação de temperatura no verão e um grande abaixamento no inverno, ou seja uma grande amplitude térmica anual.

Em S. Pedro, porém, estas variações são talvez ainda mais acentuadas, o que creio, não porque me tivesse servido do termómetro, mas pelo que ouvi da boca dos naturais, e pelo que directamente senti nas minhas estadas ali.

No inverno a temperatura desce por vezes até muito perto de zero, e mesmo abaixo. São frequentes as geadas, as chuvas e as nevadas.

A chuva chega a cair em tão grande abundância, que provoca prejuízos agrícolas e dá aos estreitos filetes de água que se vêem correr de verão no fundo dos vales, um carácter torrencial muito respeitável, porquanto a água chega a arrancar oliveiras que se encontram dentro do seu leito máximo e que são carregadas a grandes distâncias, chegando até ao rio, pelo qual são arrastadas.

Sucedem também haver grandes precipitações atmosféricas mesmo fora do inverno.

Há dois anos (1), no mês de Junho, e na véspera do dia de S. Pedro, padroeiro da povoação, choveu durante bastantes horas e com tanta violência que, às Olgas, na foz dum destes ribeiros de carácter torrencial que desagua no Sabor, se formou um cone de dejecção de tal ordem que ainda hoje se estende fora da água

(1) Estas notas foram colhidas em 1921.

quási até meio do rio, nesse ponto pouco fundo, mas com uns 30 ou 35 metros de largura.

Há uns anos, em virtude também da grande quantidade de chuva, houve um escorregamento duma pequena porção de terreno da encosta da margem do rio, sendo arrastadas uma oliveira e uma amendoeira. Pela situação das referidas árvores que não estranharam com a muda, pois não secaram, e pelo local que préviamente elas ocupavam do lado de cima do caminho, segundo me disse o dono das mesmas, estas devem ter descido uns 20 a 25 metros.

O rio Sabor, que foi denominado «o Nilo português», também nesta altura do seu percurso apresenta uma grande diferença entre o leito mínimo e o leito máximo.

Julgo ter sido em 1909, segundo me contaram, que as águas do Sabor arrasaram e soterraram completamente uma vinha da beira rio, não deixando de fora nem sequer as extremidades dos esteios que formavam os seus cordões ou bardos.

Nessa mesma ocasião fôram arrancadas e arrastadas pelas águas do rio grande número de oliveiras e outras árvores que cresciam nas suas margens.

A causa principal destas cheias julgo estar na grande inclinação das encostas que em muitos pontos fazem com a horizontal um ângulo superior a 45° e, portanto, a quási totalidade da água das chuvas, não tendo tempo de ser absorvida pela terra, vai aumentar o caudal, quer dos ribeiros torrenciais, quer do rio.

São freqüentes, como disse, as temperaturas baixas no inverno, assim como são vulgares grandes geadas que tornam a atmosfera frigidíssima.

Quando as geadas são acompanhadas de nevoeiros, produz-se o regêlo das gotas de água pendentes das fôlhas das árvores, formando-se lindos pingentes de gêlo. Êste fenómeno é na região denominado *sincêno*.

Os nevoeiros são também freqüentes, nem sempre muito densos, mas permanecendo cerrados dias e dias. Ainda em Dezembro do ano findo se formou um nevoeiro tão denso que durante 12 dias não deixou ver o sol.

As nevadas são também freqüentes, e é surpreendente o aspecto das encostas e árvores cobertas de flocos brancos semelhante algodão em ramá: parece que a natureza se vai casar, tôda vestida de branco, ao mesmo tempo que sôbre ela caiem flocos de neve como brancas pétalas.

Anos há em que neva várias vezes no mesmo inverno. A neve chega a atingir a espessura de 1 metro, e às vezes mais, levando 3 a 4 dias a derreter. Então é preciso os homens abrirem caminhos na neve para se ir buscar água à fonte. Nestas ocasiões os caçadores saiem a perseguir a caça pelas pègadas por ela deixadas sôbre a neve, e os rapazes divertem-se atirando com bolas de neve uns aos outros e *armando* grandes bonecos e bolas enormes que se conservam ainda durante muitos dias após o degêlo.

Quando a quantidade de neve é grande, chegam a partir-se alguns ramos de árvores onde ela por qualquer circunstância se acumulou em maior quantidade. Sucede isto quando a neve cai sem vento. Muitas vezes, embora caia em abundância, não *pega*, o que sucede quando a terra está húmida.

Quando a queda é acompanhada de vento norte, a temperatura baixa muito, chegando a ser insuportável para quem não está habituado a frios tão intensos: neste caso a neve acumula-se junto das paredes, dos sucacos, das fragas, etc., constituindo rampas mais ou menos inclinadas. Quando tal sucede, o povo refere-se-lhe na expressão — *neve cieira*.

Os ventos são geralmente moderados e raras vezes atingem um carácter tempestuoso.

No verão o tempo torna-se muito quente e abafadiço: a temperatura, ao sol, deve com certeza subir além de 35°.

Nesta mesma estação são freqüentes os dias de calma, dum calor verdadeiramente tropical.

À noite, pelo contrário, o tempo refresca quasi sempre um pouco e não é raro os habitantes dormirem na rua, ou então com portas e janelas escancaradas.

É nesta estação que há maior número de doenças. Muitos dos habitantes adoecem com as febres palustres ou sezões, e um grande número são atacados por carbúnculos.

## Antropologia física

### Grau de nutrição

Relativamente ao grau de nutrição, obtive os resultados seguintes:

Série ♂	N.º de casos	%
Gordos . . . . .	5	18,5
Indiferentes . . . . .	18	66,6
Magros . . . . .	4	14,8

Série ♀	N.º de casos	%
Gordos . . . . .	9	45
Indiferentes . . . . .	7	35
Magros . . . . .	4	20

Englobadas as duas séries, há um considerável predomínio do tipo médio ou indiferente. Na série feminina há predomínio do tipo gordo sobre o indiferente.

Porém, na série masculina, o tipo indiferente ou médio é que predomina nitidamente (66,6 %).

Comparando este resultado com o obtido pelo meu ex-discipulo José Branco, sobre 50 soldados de infantaria 13, todos do distrito de Vila Real, nota-se o seguinte:

	Vila Real (1)	S. Pedro
	%	%
Tipo gordo . . . . .	12	18,5
Tipo médio ou indiferente . . . . .	58	66,6
Tipo magro . . . . .	30	14,8

Há, portanto, um maior predomínio do tipo médio em S. Pedro do que em Vila Real.

Na Beira Baixa (2) também a percentagem do tipo médio (48,36 %) é maior que qualquer das outras, pois a do tipo magro é de 40,97 % e a do gordo 10,92 %.

### Côr da pele

Nas partes descobertas (rosto), era a seguinte:

Série ♂	N.º de casos	%
Morena {	carregada . . . . .	7 25,9
	pálida . . . . .	5 18,5
	leve . . . . .	13 48,1
Branco-rosada . . . . .	2	7,4

} 92,5 %

Série ♀	N.º de casos	%
Morena {	carregada . . . . .	5 25
	pálida . . . . .	0 -
	leve . . . . .	7 35
Branco-rosada . . . . .	8	40

} 60 %

(1) *Curso d'Antropologia—Trabalhos dos alunos*. Porto, 1923.

(2) Gonçalves Lopes, *Os Beirões*. Lisboa, 1900.

Em qualquer das séries há predomínio da côr morena sôbre a branco-rosada.

O sr. prof. dr. Mendes Corrêa, na sua *Contribuição para o estudo antropológico da população da Beira Alta*, diz a pág. 4: «Verifica-se que a côr branco-rosada da pele prevalece sôbre a côr morena, como no Minho, entre Ave e Vouga (1), e no litoral a sul de Aveiro (2). Êsse excesso, porém, é mais pequeno do que em tôdas essas regiões. Na Póvoa de Varzim, por exemplo, a percentagem para a pele morena é apenas de 22,7 %, sendo a pele branco-rosada representada por 77,3 %».

Em face disto é legítimo concluir que os habitantes de S. Pedro são muito morenos.

O meu antigo condiscípulo José Branco, nas conclusões do seu trabalho sôbre Vila Real, diz: «Predomina a côr branco-rosada nas partes cobertas, apresentando-se porém um tom moreno carregado nas partes descobertas».

Vê-se, pois, que os resultados obtidos em duas partes distantes da província de Trás-os-Montes são concordantes, e a discordância com os outros apontados derivará talvez de diferentes critérios de classificação.

Côr dos cabelos		
Série ♂	N.º de casos	%
Escuros . . . . .	26	96,2
Médios . . . . .	1	3,7
Loiros . . . . .	0	—
Ruivos . . . . .	0	—

(1) Segundo observações de Fonseca Cardoso. (*O minhoto entre Cávado e Ancora*. Pôrto, 1899—*Castro Laboreiro*. Pôrto, 1906—*O poveiro*. Pôrto, 1908—*Antropologia portuguesa*, nas «Notas sôbre Portugal»).

(2) Segundo observações do sr. prof. dr. Mendes Corrêa. (*Os criminosos portugueses*, 2.ª edição. Coimbra, 1914).

SANTOS JÚNIOR

EST. II

Estudo Antropológico e Etnográfico



Fotografias de perfil

Série ♀	N.º de casos	%
Escuros . . . . .	14	70
Médios . . . . .	4	20
Loiros . . . . .	2	10
Ruivos . . . . .	0	-

É curioso notar na série masculina a ausência de loiros e ruivos. Analise-se o quadro que segue e em que se comparam os resultados das diferentes regiões quanto a estas duas côres:

Séries ♂	Beira Baixa (1)	Beira Alta (2)	Vila Real (3)	Minho (4)
	%	%	%	%
Loiros . . . . .	6,2	1,9	10	4,5
Ruivos . . . . .	-	-	-	1,9

Quanto aos cabelos escuros, o predomínio destes sôbre os médios é enorme, não sendo a percentagem daqueles excedida em nenhuma outra região, como se pode ver pelo quadro seguinte:

Côr dos cabelos	Entre Ave e Vouga	Minho	Beira Alta	Beira Baixa	Castro Laborciro	S. Pedro
Escuros . . . . .	58,9 %	74,5 %	75,7 %	76,4 %	78,6 %	96,2 %

Comparando a percentagem por mim obtida, e que é de 96,2 %, com a obtida por José Branco em Vila Real, 90 %, é

(1) Gonçalves Lopes, *obr. cit.*

(2) Mendes Corrêa, *Contribuição para o estudo antropológico da população da Beira Alta*, in « Anais da Acad. Polítéc. do Pôrto ». Coimbra, 1915.

(3) José Branco, in « *Curso de Antropologia* », *obr. cit.*

(4) Fonseca Cardoso, *O minhoto de entre Cávado e Ancora*. Pôrto, 1899.

lícito concluir que a província de Trás-os-Montes deve ser aquela em que há maior frequência de cabelos escuros; porém, enquanto se não fizerem mais observações, nada de definitivo se pode concluir (1).

## Côr dos olhos

Série ♂	N.º de casos	%
Escuros . . . . .	4	14,8
Médios . . . . .	17	62,9
Claros . . . . .	6	22,2

Série ♀	N.º de casos	%
Escuros . . . . .	9	45
Médios . . . . .	5	25
Claros . . . . .	6	30

Na série feminina há maior percentagem de indivíduos com olhos escuros.

Examinando a série masculina vê-se que a maioria dos transmontanos de S. Pedro tem os olhos de côres médias, isto é, verdes ou outras.

Por outro lado, os tons claros em S. Pedro não são raros; a sua frequência é maior do que em Vila Real e na Beira Alta, onde por sua vez é maior do que nas outras regiões com que estamos comparando os nossos resultados.

Como se sabe, aos olhos azuis, no tipo nórdico, correspondem cabelos loiros; ora, na série masculina, não encontrei cabelos loiros, e na mesma série apenas encontrei dois casos de olhos azuis.

(1) Os estudos publicados pelo sr. prof. Tamagnini, de Coimbra, referem-se a crianças das escolas primárias. Os expostos dizem respeito a adultos.

## Séries ♂:

Regiões	Côr dos olhos		
	Escuros	Médios	Claros
S. Pedro . . . . .	14,8	62,9	22,2
Vila Real . . . . .	80	12	8
Beira Alta . . . . .	62,3	21,7	16,0
Entre Cávado e Ancora . . . . .	70,9	18,2	10,9
Beira Baixa . . . . .	71,6	5,2	23,2

Por êste quadro se vê que é em S. Pedro que é maior a percentagem dos olhos de côr média, e das maiores a dos claros. Isto, porém, não está de acôrdo com a côr dos cabelos, pois à percentagem de 96,2 de cabelo escuro apenas correspondem 14,8 % de olhos escuros.

O sr. prof. dr. Mendes Corrêa diz, a pág. 5 do citado estudo sôbre a Beira Alta, que « é preciso admitir sempre um coeficiente pessoal na aplicação das nomenclaturas cromáticas », e para corrigir até certo ponto qualquer êrro de apreciação duma dada côr, aconselha a comparação entre as percentagens do tipo moreno e do tipo loiro, obtida, fazendo a semisoma das percentagens relativas aos olhos e aos cabelos.

N.º de observações	Regiões	Semisoma dos olhos e cabelos		Excesso do tipo moreno sobre o loiro	
		Escuros	Claros		
242	Beira Baixa . . . . .	74,5	8,5	66,0	Gonçalves Lopes
110	Entre Cávado e Ancora . . . . .	72,7	8,7	64,0	Fonseca Cardoso
50	Vila Real . . . . .	72	9	63	José Branco
263	Beira Alta . . . . .	69	8,9	60,1	Mendes Corrêa
21	Castro Laboreiro . . . . .	61,5	7,0	54,5	Fonseca Cardoso
1:086	Entre Ave e Vouga . . . . .	60,2	11,9	48,3	Fonseca Cardoso
27	S. Pedro (série ♂) . . . . .	55,5	11,1	44,4	Santos Júnior
20	S. Pedro (série ♀) . . . . .	57,5	20,0	37,5	Santos Júnior

Além disso, deve notar-se que as percentagens em S. Pedro são calculadas sobre um número de casos relativamente pequeno, cabendo, porém, acentuar que a pigmentação carregada da pele não tem um paralelo suficiente nas percentagens dos tons escuros dos cabelos e dos olhos.

### Dentadura

Quanto à dentadura, os resultados são os seguintes:

Série ♂	N.º de casos	%
Boa . . . . .	11	40,7
Mediana . . . . .	10	37
Má . . . . .	6	22,2

Série ♀	N.º de casos	%
Boa . . . . .	9	45
Mediana . . . . .	5	25
Má . . . . .	6	30

Relativamente ao estado mais ou menos sadio da dentição, vê-se que a percentagem de bons dentes é a maior, comquanto a percentagem de más dentaduras seja também razoável (22,2 % nos homens e 30 % nas mulheres).

Na Beira Baixa, as percentagens obtidas pelo sr. A. Gonçalves Lopes, são:

	%
Boa . . . . .	61,1
Mediana . . . . .	23,5
Má . . . . .	15,4

### Barba

Quanto à pilosidade no rosto, obtive os seguintes resultados:

	N.º de casos	%
Abundante . . . . .	18	66,6
Rara . . . . .	6	22,2
Nula . . . . .	3	11,1

Êstes três casos de barba nula correspondem aos três indivíduos da série com idade inferior a 20 anos, dois com 18 anos e o terceiro com dezanove.

A barba é, como se vê, na sua maioria abundante, como na Beira Baixa em que, segundo Gonçalves Lopes, a percentagem para a barba abundante é de 59,74 %, para a barba rara de 38,13 %, e para a barba nula 2,1 %.

José Branco, no seu estudo sobre 50 soldados do 13, de Vila Real, chega aos seguintes resultados:

	N.º de casos
Abundante . . . . .	24
Rara . . . . .	22
Nula . . . . .	4

Êstes resultados, embora a percentagem da barba abundante seja ainda a maior, não se aproximam dos meus; é preciso notar que as observações feitas por José Branco incidiram em soldados, portanto em indivíduos com idade de 20 a 23 anos, ao passo que a idade dos indivíduos da minha série, se estendia dos 18 aos 84 anos.

### Dinamometria

	Médias	
	Série ♂	Série ♀
Pressão na mão direita . . . . .	41kg,48	27kg,35
Pressão na mão esquerda . . . . .	37kg,69	26kg,25
Tracção horizontal . . . . .	23kg,85	15kg,40

Este capítulo tem sido pouco estudado noutras regiões.

Na Beira o seu estudo foi feito pelos srs. drs. Souza Martins e José António Serrano, a quando da expedição científica à Serra da Estrêla, em 1881.

O sr. prof. dr. Mendes Corrêa determinou a pressão em 41 portugueses do litoral (1), obtendo as médias seguintes:

Pressão na mão direita . . . . .	45kg,7
Pressão na mão esquerda . . . . .	39kg,9

Vê-se, pois, que é maior em média nos indivíduos do litoral do que nos do interior.

#### Perfil do nariz

Série ♂	N.º de casos	%
Rectilíneo . . . . .	16	59,2
Sinuoso . . . . .	5	18,5
Côncavo . . . . .	4	14,8
Convexo . . . . .	2	7,4

Série ♀	N.º de casos	%
Rectilíneo . . . . .	10	50
Sinuoso . . . . .	5	25
Côncavo . . . . .	4	20
Convexo . . . . .	1	5

Retinindo o perfil sinuoso ao rectilíneo, isto é, não considerando aquele como distinto deste, chego aos resultados seguintes:

Na série masculina . . . . .	77,7
Na série feminina . . . . .	75

(1) *Os criminosos portugueses*, 2.ª ed., Coimbra, 1914.

Em face destes números, posso concluir que os habitantes de S. Pedro são aqueles em que a percentagem de perfil rectilíneo do nariz é maior, o que se vê nitidamente no quadro seguinte em que comparo os meus resultados com os obtidos pelos srs. José Branco, em Vila Real, Fonseca Cardoso, no Minho (entre Cávado e Ancora), e Gonçalves Lopes, na Beira Baixa:

N.º de observações	Perfil do nariz			Regiões	
	Rectilíneo	Côncavo	Convexo		
27	77,7	14,8	7,4	S. Pedro	Santos Júnior
50	70	26	4	Vila Real	José Branco
110	65,5	21,8	12,7	Minho	Fonseca Cardoso
247	36,0	35,2	28,8	Beira Baixa	Gonçalves Lopes

#### Estatutura

A estatura da série masculina varia entre 1<sup>m</sup>,50 e 1<sup>m</sup>,77, e a média é de 1<sup>m</sup>,630, inferior à média geral portuguesa (1<sup>m</sup>,645). O mínimo e máximo da série feminina são, respectivamente, 1<sup>m</sup>,38 e 1<sup>m</sup>,58, e a média da mesma é de 1<sup>m</sup>,501.

Agrupando as estaturas, segundo a nomenclatura de Deniker, temos os quadros seguintes:

Agrupamento das estaturas	Série ♂	
	N.º de casos	%
Baixas (menos de 1 <sup>m</sup> ,60) . . . . .	8	29,6
Abaixo da média (de 1 <sup>m</sup> ,60 a 1 <sup>m</sup> ,649) . . . . .	8	29,6
Acima da média (de 1 <sup>m</sup> ,65 a 1 <sup>m</sup> ,699) . . . . .	7	25,9
Altas (1 <sup>m</sup> ,70 e para cima) . . . . .	4	14,8

Agrupamento das estaturas	Série ♀	
	N.º de casos	%
Baixas (1m,39 e para baixo) . . . . .	1	5
Abaixo da média (de 1m,40 a 1m,52) . . . . .	11	55
Acima da média (de 1m,53 a 1m,57) . . . . .	6	30
Altas (1m,58 e para cima) . . . . .	2	10

Pelo exame destes dois quadros, nota-se que na série masculina entram em percentagens iguais as estaturas baixas e abaixo da média, entrando contudo as estaturas altas na percentagem de 14,8.%, enquanto na série feminina há um acentuado predomínio de estaturas abaixo da média, 55 %, encontrando-se apenas dois casos de altas estaturas.

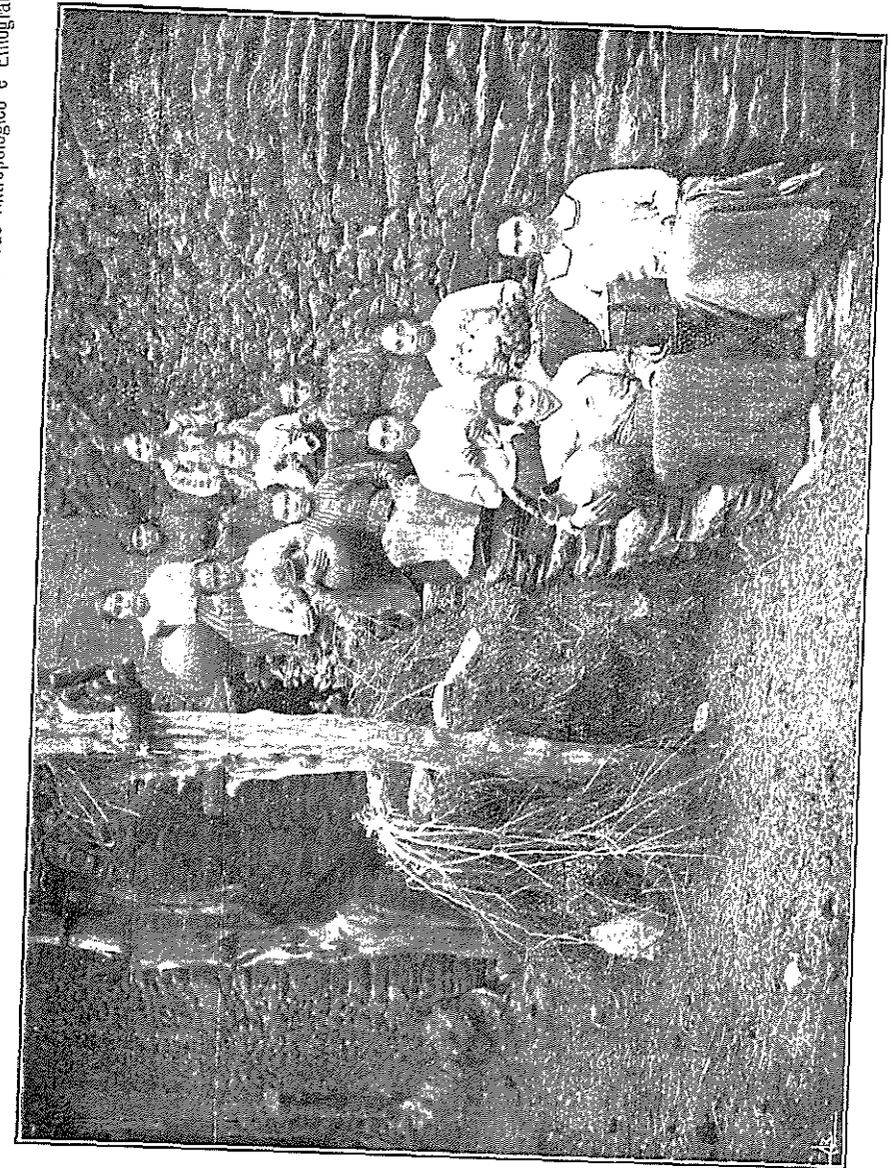
O quadro seguinte representa os resultados obtidos em diferentes regiões:

Agrupamento das estaturas				Regiões		Médias
Baixas %	Abaixo da média %	Acima da média %	Altas %			
29,6	29,6	25,9	14,8	S. Pedro (Mogadouro)	Santos Jún.r	1m,630
29,8	30,5	26,2	13,5	Minho (entre Cáv. e Anc.)	Fons. Card.	1m,638
22,6	35,1	22,1	19,4	Beira Baixa	Gonç. Lopes	1m,640
20	24	42	14	Vila Real	José Branco	1m,666
10,2	32,2	45,8	11,9	Beira Alta	Sant'Ana M.	1m,674

Por este quadro vê-se que, quanto às percentagens, os resultados por mim obtidos se aproximam muito daqueles que o sr. Fonseca Cardoso determinou no minhoto de entre Cávado e Ancora, o mesmo sucedendo com as médias, pois que há na minha apenas uma diferença de 8mm a menos.

ESTUDO ANTROPOLÓGICO E EMOGRÁFICO

EST. III



SANTOS JÚNIOR

Grupo de raparigas

Analisando as médias em conjunto vê-se que a da estatura dos transmontanos de S. Pedro é inferior a tôdas as outras.

A média que obtive (1<sup>m</sup>,630) é muito próxima da já determinada por Sant'Ana Marques para a província de Trás-os-Montes, a qual é de 1<sup>m</sup>,633.

#### Índice esquelico (1)

Determinei os índices esquelicos relacionando a altura do busto e a estatura, e obtive os seguintes valores médios:

	Série ♂	Série ♀
Média. . . . .	$M = 51,93 \pm 0,18$	$M = 51,82 \pm 0,27$
Desvio padrão . . . . .	$\sigma = 1,43 \pm 0,13$	$\sigma = 1,86 \pm 0,19$

Seriando a uma unidade os valores da série masculina, temos:

Índice esquelico	Frequência
49 . . . . .	3
50 . . . . .	4
51 . . . . .	3
52 . . . . .	11
53 . . . . .	5
54 . . . . .	1

Vê-se por esta seriação que a variante mais freqüente é de 52, bastante próxima da média, o que indicaria uma série homo-

(1)  $\frac{\text{Altura do busto} \times 100}{\text{Estatura}}$ .

génea se, ao contrário do que se dá, a mediana se aproximasse daqueles valores.

Pelas médias obtidas vê-se que o índice esquelico nos homens corresponde à mesatisquelia, enquanto que nas mulheres há macrosquelia, embora com tendência mesatisquelica. Esta diferença não tem valor significativo, porquanto a diferença das médias masculina e feminina é  $0,08 \pm 0,33$ .

O sr. prof. dr. Mendes Corrêa diz, a pág. 12 dos *Trabalhos dos alunos* (1), que em 119:571 casos Sanches Fernandes determinou para os adultos espanhóis o índice esquelico médio de 52,1, e que sobre 25 casos de Ferraz de Macedo se pode provisoriamente fixar a média portuguesa de 51,6, muito próxima daquela.

A média da série masculina que determinei, está compreendida entre a espanhola e aquela a que se chegou sobre os dados de Ferraz de Macedo.

Os portugueses tem pois o índice esquelico pouco inferior ao dos espanhóis.

Fazendo o agrupamento do índice esquelico, segundo a nomenclatura de Giuffrida-Ruggeri, obtenho os quadros seguintes:

Índice esquelico	Série ♂	
	N.º de casos	%
Macrosquelicos (51 para baixo) . . . . .	7	25,9
Mesatisquelicos (51,1 a 53). . . . .	14	51,8
Braquisquelicos (53,1 para baixo) . . . . .	6	22,2

(1) Notas apresentadas ao congresso de sciencias luso-espanhol, efectuado em Junho de 1921. Pôrto, 1923.

Índice esquelico	Série ♀	
	N.º de casos	%
Macrosquelicos (52 para baixo) . . . . .	12	62
Mesatisquelicos (52,1 a 54). . . . .	6	31
Braquisquelicos (54,1 para cima) . . . . .	1	5

#### Relação centesimal da braça com a estatura

A relação  $\frac{\text{braça} \times 100}{\text{estatura}}$  foi por mim estudada em 15 casos masculinos e 20 femininos.

Obtive as seguintes médias, desvios padrões e erros prováveis respectivos:

	Série ♂	Série ♀
Média . . . . .	$M = 102,51 \pm 1,47$	$M = 101,41 \pm 1,34$
Desvio padrão . . . . .	$\sigma = 7,93 \pm 1,05$	$\sigma = 8,95 \pm 0,95$

Apesar de ser pequeno o número de casos da série masculina, a média obtida é muito próxima da que foi determinada pelo sr. prof. dr. Mendes Corrêa noutros Portugueses (102,9).

Em cada uma das séries os máximos e mínimos são respectivamente:

	Série ♂	Série ♀
Máximo . . . . .	106,62	107,38
Mínimo . . . . .	97,51	95,91

A diferença de médias não tem valor significativo, porquanto é de  $1,10 \pm 1,99$ .

## Índice cefálico (1)

Seriando a uma unidade os índices cefálicos obtidos, teremos o quadro seguinte:

Índice cefálico	Frequências	
	♂	♀
65	1	-
66	-	-
67	-	-
68	1	-
69	1	-
70	2	-
71	5	-
72	2	1
73	4	2
74	1	1
75	3	1
76	4	3
77	2	1
78	-	-
79	1	1

Em presença deste quadro nota-se logo a grande amplitude da série masculina que é de 15 unidades, pois o mínimo é 65 e o máximo 79. Os resultados médios que obtive, foram os seguintes:

	Série ♂	Série ♀
Média . . . . .	$M = 73,30 \pm 0,40$	$M = 75,46 \pm 0,42$
Desvio padrão . . . . .	$\sigma = 3,11 \pm 0,28$	$\sigma = 2,00 \pm 0,30$
Mínimo . . . . .	65,00	71,66
Máximo . . . . .	78,57	78,88

(1)  $\frac{\text{Diâmetro transversal máximo} \times 100}{\text{Diâmetro antero-posterior máximo}}$ .

A diferença das médias é de  $2,16 \pm 0,58$ ; tem portanto valor significativo.

Segue-se o quadro dos agrupamentos do índice cefálico:

Índice cefálico	Série ♂		Série ♀	
	N.º de casos	0/0	N.º de casos	0/0
Dolicocéfalos (até 76,9) . . . . .	24	88,8	8	80
Mesaticéfalos (de 77 a 81,9) . . . . .	3	11,1	2	20
Braquicéfalos (de 82 para cima) . . . . .	0	-	0	-

Pelo que ficou dito acerca do índice cefálico dos transmontanos de S. Pedro, pode-se concluir que eles são portadores duma forte dolicocefalia; porém, na série masculina, é que ela é mais acentuada.

Segue-se o quadro em que comparo os meus resultados com os do meu ex-condiscípulo José Branco, com os do sr. prof. dr. Mendes Corrêa, determinados na Beira Alta em 107 casos, e com os do sr. Fonseca Cardoso, determinados em 110 minotos de entre Cávado e Ancora:

Índice cefálico	Vila Real		S. Pedro		Beira Alta		Minho	
	N.º de casos	0/0	N.º de casos	0/0	N.º de casos	0/0	N.º de casos	0/0
Dolicocéfalos (até 76,9) . . . . .	37	74	24	88,8	76	71,0	49	44,5
Mesaticéfalos (77 a 81,9) . . . . .	12	24	3	11,1	31	29,0	51	46,4
Braquicéfalos (82 para cima) . . . . .	1	2	0	-	0	-	10	9,1
Médias . . . . .	75,5		73,30		75,3		78,1	

Este quadro vem tornar mais frisante a dolicocefalia dos habitantes de S. Pedro.

O índice cefálico médio que determinei é, como disse, 73,30; difere três unidades da média geral do país, 76,3; não é próxima de nenhuma das determinadas pelos autores com quem comparei os meus resultados, afastando-se igualmente para menos, do índice 75,7, que Sant'Ana Marques dá como índice médio de Trás-os-Montes (2).

### Índice anterior (2)

Na série masculina obtive a média de  $60,75 \pm 0,96$ , e na série feminina a média foi de  $61,11 \pm 0,69$ .

Agrupando os índices anteriores, segundo a nomenclatura de Collignon, temos:

Índice anterior	Série ♂		Série ♀	
	N.º de casos	0/0	N.º de casos	0/0
Dolicopsidas (até 61,9) . . . .	16	59,2	12	60
Mesopsidas (62 a 65,9) . . . .	9	33,3	3	15
Braquipsidas (66 para cima) . . . .	2	7,4	5	25

As médias são ambas dolicopsidas.

Porém, as mulheres são dolicopsidas (média 61,1), mas quasi mesopsidas.

Pela análise do quadro precedente, vê-se que há um acentuado predomínio de dolicopsidas, tanto numa série como noutra.

(1) Mendes Corrêa, *Novos subsídios para a antropologia portuguesa*. Madrid, 1917. (Congresso de Sevilha).

(2)  $\frac{\text{Largura bizigomática} \times 100}{\text{Altura total da cabeça}}$

Seguem-se, na série masculina, predominando após os dolicopsidas, os mesopsidas, ao passo que na série feminina são estes os menos frequentes, ficando em segundo lugar os casos de braquipsia com a percentagem de 25 0/0:

	Série ♂	Série ♀
Máximo . . . . .	71,96	68,55
Mínimo . . . . .	51,61	54,66
Média . . . . .	$M = 60,75 \pm 0,96$	$M = 61,11 \pm 0,69$
Desvio padrão . . . . .	$\sigma = 4,52 \pm 0,42$	$\sigma = 4,54 \pm 0,48$

A diferença das médias é de  $0,36 \pm 1,18$ , sem valor significativo.

Vamos agora comparar os resultados a que cheguei, com os obtidos por José Branco e Fonseca Cardoso:

Agrupamento do índice anterior				Médias
Dolico- psidas 0/0	Meso- psidas 0/0	Braqui- psidas 0/0		
64	24	12	José Branco (Vila Real)	60,2
59,2	33,3	7,4	Santos Júnior (S. Pedro ♂)	60,75
40,9	46,2	12,6	F. Cardoso (Minhotos de entre Cávado e Ancora)	62,6
60	15	25	Santos Júnior (S. Pedro ♀)	61,11

Em face deste quadro, pode-se concluir que em Trás-os-Montes predominam os dolicopsidas, enquanto que no Minho são os mesopsidas que têm maior percentagem.

\*

\* \*

A desarmonia crânio-facial, que aparece na raça fóssil de Cro-Magnon e noutras formas, consiste, como sabemos, na associação duma face larga e um crânio longo.

Na série masculina, que estudei, encontrei 2 casos de desarmonia crânio-facial patente, como se vê pelo valor dos índices que seguem:

	Índice anterior	Índice cefálico
Um dos indivíduos . . . . .	71,96	75,26
O outro . . . . .	69,23	74,33

Na série feminina também encontrei desarmonia crânio-facial em alguns casos:

	Índice anterior	Índice cefálico
1.º caso . . . . .	66,15	71,66
2.º caso . . . . .	68,55	76,21
3.º caso . . . . .	67,51	76,92

Para a desarmonia crânio-facial obtenho a percentagem de 11,1 % na série masculina, e 15 % na série feminina.

#### Índice vértico-longo (1)

Quanto ao índice vértico-longo, tanto os homens como as mulheres de S. Pedro, são platicéfalos.

Os valores obtidos em cada série foram, respectivamente:

	Série ♂	Série ♀
Média . . . . .	$M = 62,88 \pm 0,48$	$M = 65,37 \pm 1,05$
Desvio padrão . . . . .	$\sigma = 3,72 \pm 0,34$	$\sigma = 4,93 \pm 0,74$
Máximo . . . . .	68,81	72,28
Mínimo . . . . .	53,00	54,73

A diferença das médias é de  $2,49 \pm 1,16$ ; não tem pois grande valor estatístico.

(1)  $\frac{\text{Diâmetro vertical auricular} \times 100}{\text{Diâmetro antero-posterior máximo}}$ .

Vê-se que as mulheres são platicéfalas, mas com tendência para a ortocéfalia.

No quadro que segue, agrupo os índices, segundo a nomenclatura mais vulgar:

Índice vértico-longo	Série ♂		Série ♀	
	N.º de casos	%	N.º de casos	%
Platicéfalos (até 66,9) . . . . .	23	85,1	7	70
Ortocéfalos (de 67 a 69,9) . . . . .	4	14,8	1	10
Hipsicéfalos (70 para cima) . . . . .	0	-	2	20

Pela análise dêste quadro, vê-se que em ambas as séries predomina a platicéfalia.

É interessante o contraste entre as duas séries quanto à hipsicéfalia; na série masculina não há nenhum caso; na série feminina a sua percentagem é de 20 %, ainda superior à ortocéfalia. Note-se que a série feminina tem apenas 10 casos.

Segue-se o quadro comparativo do índice vértico-longo em S. Pedro, Vila Real e Minho:

Índice vértico-longo			Médias	N.º de casos
Plati-céfalos %	Orto-céfalos %	Hipsi-céfalos %		
85,1	14,8	-	62,88	27
60	28	12	64,8	50
66,4	23,6	10	66,1	110

Pela análise do quadro precedente, vê-se que em S. Pedro (média 62,88) é onde a platicéfalia é mais acentuada, embora em

Vila Real e no Minhoto de entre Cávado e Ancora predomine também a platicefalia.

Emquanto que em Vila Real a percentagem de hipsicéfalos é de 12 % e no Minho de 10 %, em S. Pedro essa percentagem é nula; na série masculina pois não obtive índice algum superior a 70.

#### Índice vértico-transverso (1)

Em cada uma das séries obtive os seguintes resultados:

	Série ♂	Série ♀
Média. . . . .	M = 86,06 ± 0,65	M = 85,30 ± 1,03
Desvio padrão . . . .	σ = 4,99 ± 0,46	σ = 6,83 ± 0,73
Mínimo . . . . .	74,12	69,59
Máximo . . . . .	96,29	95,93

Vamos agrupar os índices determinados, segundo uma nomenclatura análoga à do índice vértico-longo:

Índice vértico-transverso	Série ♂		Série ♀	
	N.º de casos	%	N.º de casos	%
Platicéfalos (até 82,9) . . . .	6	22,2	7	35
Ortocéfalos (83 a 85,9) . . . .	7	25,9	4	20
Hipsicéfalos (86 para cima) . . . .	14	51,8	9	45

Pelo que fica dito, vê-se que os transmontanos de S. Pedro são nitidamente hipsicéfalos, enquanto que as mulheres, embora

(1)  $\frac{\text{Diâmetro vertical auricular} \times 100}{\text{Diâmetro transverso máximo.}}$

com tendência hipsicéfala, são ortocéfalos, pois a média determinada na série feminina estudada, foi de 85,30; a diferença das médias não tem valor estatístico significativo, pois é igual a  $0,76 \pm 1,22$ .

Pela análise do quadro precedente, nota-se em ambas as séries maior percentagem de hipsicefalia.

Pela comparação dos índices vértico-longo e vértico-transverso, vê-se que os transmontanos, por mim estudados, tem a cabeça relativamente baixa.

Índice vértico-transverso			Médias
Platicéfalos %	Ortocéfalos %	Hipsicéfalos %	
12	32	56	José Branco (Vila Real) Santos Júnior (S. Pedro ♂) F. Cardoso (Minhoto de entre Cávado e Ancora)
22,2	25,9	51,8	
33,3	31,8	34,9	
			87,1
			86,06
			84,5

Vê-se que em Trás-os-Montes há predomínio da hipsicefalia, enquanto no Minho a média deste índice está compreendida nos limites da ortocefalia. É preciso, porém, não esquecer quanto as dimensões horizontais do crânio influem nas variações dos dois índices verticais.

#### Índice nasal

Estudei o índice nasal em 27 casos masculinos e 20 femininos, obtendo as médias seguintes:

Série ♂ . . . . .	63,89
Série ♀ . . . . .	57,55

Segue-se a seriação do índice nasal em 27 casos ♂:

Índice nasal	Frequência	Índice nasal	Frequência
50.	1	67.	1
51.	-	68.	-
52.	2	69.	1
53.	1	70.	1
54.	2	71.	-
55.	5	72.	-
56.	1	73.	-
57.	1	74.	-
58.	-	75.	-
59.	1	76.	-
60.	-	77.	-
61.	1	78.	1
62.	2	79.	-
63.	1	80.	-
64.	1	81.	1
65.	-	82.	1
66.	2		

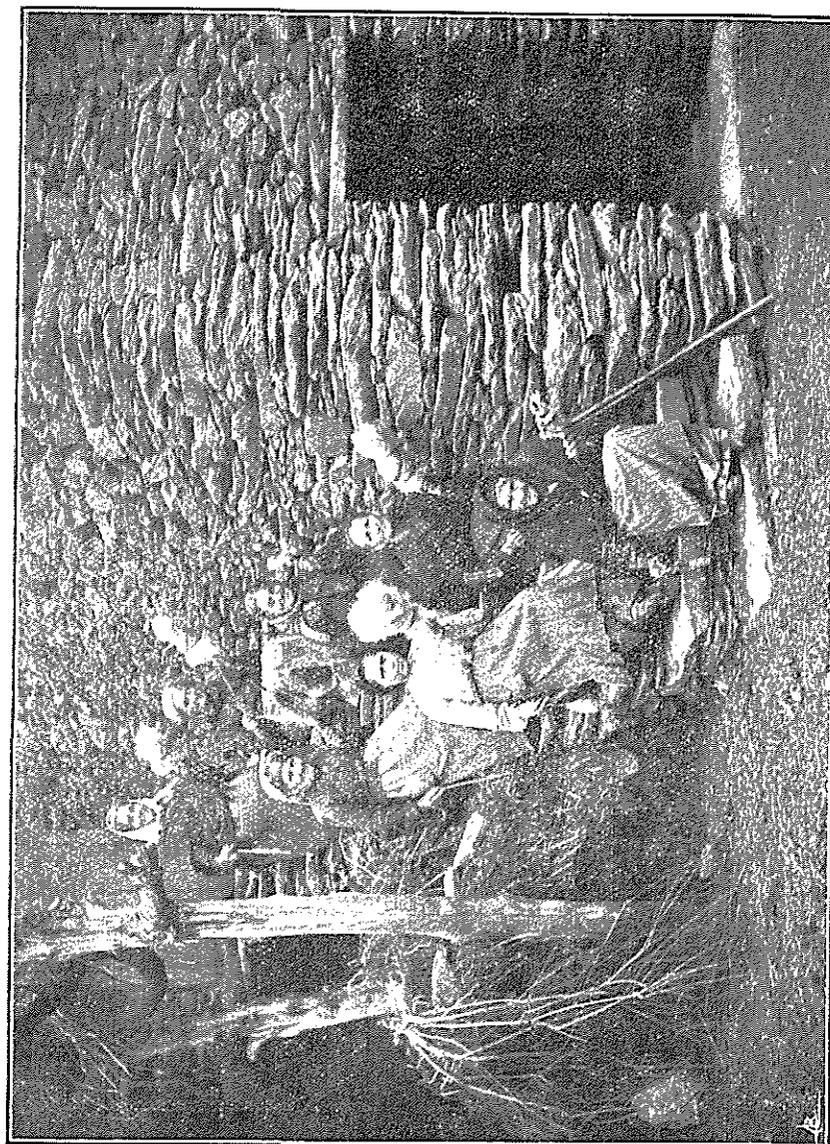
Apresento a seriação do índice nasal, para mostrar quão heterogênea é a série masculina quanto a êste índice. Os números que seguem mostram bem isso:

Mínimo	50
Máximo	82
Máximo de frequência	55
Média	$M = 63,89 \pm 1,13$
Desvio padrão	$\sigma = 8,71 \pm 0,89$
Mediana	65,5

SANTOS JÚNIOR

EST. IV

Estudo Antropológico e Etnográfico



Velhas a ficar

Nenhum destes três últimos valores, excluindo o desvio padrão, não só não coincidem, mas são muito diferentes.

A série feminina, pelo contrário, é uma série homogênea, pois tem os seguintes valores:

Mínimo . . . . .	48,27
Máximo . . . . .	66,67
Máximo de freqüência . . . . .	57
Média . . . . .	$M = 57,55 \pm 0,73$
Desvio padrão . . . . .	$\sigma = 4,84 \pm 0,52$
Mediana . . . . .	57

O índice 57 é comum à média, à mediana e ao máximo de freqüência; é lícito pois esperar que se trate duma série homogênea.

Digo é lícito, visto que na maior parte dos casos a média, a mediana e o máximo de freqüência não bastam para definir convenientemente uma série.

Quanto à diferença das médias tem para este índice o valor estatístico significativo, pois a mesma é de  $6,34 \pm 1,34$ .

O quadro seguinte representa o agrupamento dos índices nasais, segundo a nomenclatura mais usada:

Índice nasal	Série ♂		Série ♀	
	N.º de casos	%	N.º de casos	%
Hiperleptorríneos (< 54,9) . . .	6	22,2	7	35
Leptorríneos (55 a 69,9) . . .	17	62,9	13	65
Mesorríneos (70 a 84,9) . . .	4	14,8	-	-
Platirríneos (85 a 99,9) . . .	-	-	-	-

Por êste quadro se vê que tanto na série masculina como na feminina há predomínio duma forte leptorrinia.

O número de leptorríneos é, como se vê, muito grande, e ainda mais avulta comparando-o com a percentagem correspondente nos transmontanos de Vila Real, que é de 58 %.

Índice nasal				Regiões	Médias
Hiperleptorríneos %	Leptorríneos %	Mesorríneos %	Platirríneos %		
22,2	62,9	14,8	-	S. Pedro (série ♂) (1)	63,89
2	58	40	-	Vila Real (2)	68
19,52	70,9	8,7	0,8	Beira Baixa (3)	60,94
2,8	55,1	37,3	4,7	Beira Alta (4)	68,68
6,5	76,7	16,8	-	Minho (5)	64,2

Pela análise dêste quadro se vê que em Trás-os-Montes e no Minho há ausência de platirríneos, aparecendo êstes nas Beiras, e com maior percentagem na Beira Alta.

Note-se ainda a não concordância dos meus resultados com os do meu colega José Branco quanto à hiperleptorrinia. Emquanto que é em S. Pedro onde a percentagem de hiperleptorríneos é a maior de tôdas aquelas com que comparo os meus resultados, a percentagem do mesmo tipo de nariz é em Vila Real a mais pequena de tôdas.

(1) O sr. Sant'Ana Marques determinou para o distrito de Bragança a média de 67,2 para o índice nasal. Reunindo as observações de José Branco e as minhas, obtive a média de 65,94, um pouco inferior.

(2) José Branco, *Elementos para a antropologia de Trás-os-Montes*.

(3) Gonçalves Lopes, *Os Beirões*.

(4) Dr. Mendes Corrêa, *Sobre o índice nasal na Beira Alta*.

(5) Fonseca Cardoso, *O Minho de entre Cávado e Ancora*.

### Comprimento da mão (esquerda)

Tomei o comprimento da mão em 27 casos masculinos e 20 femininos.

Determinei os seguintes valores:

	Série ♂	Série ♀
Média . . . . .	196 <sup>mm</sup> ,37	177 <sup>mm</sup> ,80
Máximo . . . . .	210	193
Mínimo . . . . .	168	153

Em face dêstes resultados, vê-se que os homens tem a mão mais comprida que as mulheres, como, de resto, era de esperar.

### Palmo (da mão esquerda)

Como sabemos, temos duas espécies de palmo, o grande (dedo anular), e o pequeno (dedo mínimo).

O palmo sôbre o qual determinei os valores que seguem, é o pequeno.

Nos mesmos indivíduos em que tomei o comprimento da mão, determinei essa medida; portanto as séries são as mesmas.

Os resultados achados são:

	♂	♀
Média . . . . .	211 <sup>mm</sup> ,44	186 <sup>mm</sup> ,20
Máximo . . . . .	235	203
Mínimo . . . . .	180	171

Como se vê, o palmo está em relação ao comprimento da mão.

O sr. Gonçalves Lopes determinou na Beira Baixa a média de 206,34 para o pequeno palmo.

### Largura da boca

Observei e medi uma série de 22 casos masculinos, e uma série feminina de 20 casos.

Nelas determinei os seguintes resultados:

	♂	♀
Média . . . . .	51 <sup>mm</sup> ,82	49 <sup>mm</sup> ,50
Máximo . . . . .	61	57
Mínimo . . . . .	32	42

Vê-se por estes números que os homens têm a boca um pouco maior que as das mulheres.

O sr. Gonçalves Lopes determinou na Beira Baixa para 250 casos masculinos a média de 49<sup>mm</sup>,48.

Os beirões têm pois a boca mais pequena que os transmontanos de S. Pedro.

### Índice facial (de Garson) (4)

Determinei este índice apenas sobre casos masculinos, a totalidade dos quais é de 21.

Seriei os índices obtidos, e determinei os seguintes valores:

Mínimo . . . . .	89,92
Máximo . . . . .	137,89
Máximo de frequência . . . . .	111
Mediana . . . . .	112,5
Média . . . . .	112,32 ± 1,59
Desvio padrão . . . . .	10,87 ± 1,13

(4)  $\frac{\text{Largura bizigomática} \times 100}{\text{Altura facial}}$

Em presença dos valores máximos e mínimos, nota-se logo a grande amplitude da série que é de 48 unidades; é preciso notar porém que, a seguir ao índice mínimo da série 89,92, o que imediatamente se apresenta é o índice 99, assim como ao índice de 122, penúltimo da série, se segue uma coluna de 15 unidades sem representação até ao máximo 137, que está representado por 2 casos.

Fazendo o agrupamento deste índice, obtenho o quadro seguinte:

Índice facial	Série ♂	
	N.º de casos	%
Cameprósopos (79 a 83,9) . . . . .	0	-
Mesoprósopos (84 a 87,9) . . . . .	0	-
Leptoprósopos (88 a 92,9) . . . . .	1	4,7
Hiperleptoprósopos (93 para cima) . . . . .	20	95,2

Em presença deste quadro nota-se a ausência de cameprósopos e mesoprósopos, e os leptoprósopos apenas aparecem na percentagem de 4,7 %. Os hiperleptoprósopos aparecem porém numa percentagem esmagadora; ainda mais frisante se torna esta hiperleptoprosopia depois de se saber que dentro dos limites desta, apenas encontrei um índice inferior a 100 com o valor de 92,2, e todos os 19 casos restantes se estendem para cima de 100.

O meu colega José Branco determinou este índice em 50 soldados do regimento de infantaria 13, de Vila Real, e obteve a média de 103,5 dentro dos limites da hiperleptoprosopia, conquanto mais moderada que aquela que eu obtive. Os limites da sua série são, respectivamente, mínimo 92, máximo 115.

## Índices crânio-faciais

Êstes índices foram por mim determinados sôbre as médias, e em 27 casos masculinos.

Índice crânio-facial n.º 1 =  $\frac{\text{largura bizigomática} \times 100}{\text{diâmetro ântero-posterior máximo}}$ : determinei a média de 68,87.

Índice crânio-facial n.º 2 =  $\frac{\text{largura bizigomática} \times 100}{\text{diâmetro transverso máximo}}$ : determinei o valor médio de 94,05.

## Proporção da altura total da cabeça à estatura (1)

Esta relação centesimal determinei-a em 19 casos masculinos e 20 femininos, obtendo os valores seguintes para cada uma das séries:

	Série ♂	Série ♀
Mínimo . . . . .	12,04	12,42
Máximo . . . . .	15,50	15,57
Média . . . . .	M = 13,63 ± 0,18	M = 14,03 ± 0,18
Desvio padrão . . . . .	σ = 1,19 ± 0,13	σ = 1,17 ± 0,12

A diferença das médias é de 0,40 ± 0,08; tem pois valor estatístico.

A altura da cabeça proporcionalmente à estatura para o sexo masculino é, como vimos, 13,6, diferindo 0,3 para mais do resultado a que chegou o meu ex-condiscipulo José

(1)  $\frac{\text{Altura da cabeça} \times 100}{\text{Estatura}}$ .

Branco, valor êsse que coincide com o canon europeu de Topinard, 13,3 (1).

O sr. Fonseca Cardoso determinou no *Minhoto de entre Cávado e Ancora*, a média de 13,1, um pouco inferior.

Determinei sôbre os valores médios da largura bizigomática e da altura da cabeça, o índice  $\frac{\text{largura bizigomática} \times 100}{\text{altura da cabeça}}$  (índice anterior), e obtive para cada série os valores seguintes:

Série ♂ (27 casos)	Série ♀ (20 casos)
M = 61,00	M = 60,77

Determinei ainda também sôbre os valores médios o índice  $\frac{\text{largura bigoniaca} \times 100}{\text{altura da cabeça}}$ , obtendo os seguintes resultados:

Série ♂ (27 casos)	Série ♀ (20 casos)
M = 47,84	M = 47,23

O índice  $\frac{\text{largura bigoniaca} \times 100}{\text{largura bizigomática}}$ , obtido em 19 casos masculinos e 20 femininos, deu-me os resultados seguintes:

	Série ♂	Série ♀
Mínimo . . . . .	66,88	72,44
Máximo . . . . .	96,09	89,76
Média . . . . .	77,17	77,79

(1) *Éléments d'anthropologie générale*, pág. 1092.

Quadro recapitulativo das médias antropométricas

	S. Pedro		
	Resultados de 27 casos masculinos	Resultados de 20 casos femininos	
Diâmetro antero-posterior máximo . . . . .	193,14	185,30 (1)	
Diâmetro transverso máximo . . . . .	141,45	139,20	
Diâmetro vértico-auricular . . . . .	121,82	118,10	
Largura bizigomática . . . . .	133,04	127,90	
Largura bigoniaca . . . . .	105,04	99,40	
Largura da boca . . . . .	51,82 (2)	49,50	
Comprimento do nariz . . . . .	58,04	55,95	
Largura do nariz . . . . .	35,44	32,15	
Altura da cabeça . . . . .	219,59	210,45	
Altura facial . . . . .	118,81 (3)	—	
Comprimento da mão . . . . .	196,37	177,80	
Palmo . . . . .	211,44	186,20	
Dinamometria {	Pressão mão direita . . . . .	41,48	27,35
	Pressão mão esquerda . . . . .	37,69	26,25
	Tracção horizontal . . . . .	23,85	15,40
Braça . . . . .	1,682 (4)	1,524	
Estatura sentado . . . . .	0,847	0,779*	
Estatura de pé . . . . .	1,630	1,501	
Índice esquelético . . . . .	51,93	51,82	
Relação centesimal da braça com a estatura . . . . .	102,51	101,41	
Índice cefálico . . . . .	73,30	75,46	
Índice anterior . . . . .	60,75	61,11	
Índice vértico-longo . . . . .	62,88	65,37	
Índice vértico-transverso . . . . .	86,06	85,30	
Índice nasal . . . . .	63,89	57,55	
Índice facial (de Garçon) . . . . .	112,32	—	
Proporção da altura total da cabeça à estatura . . . . .	13,63	14,03	
Proporção da larg. bigoniaca à alt. da cab. (= 100) . . . . .	47,84	47,23	
Índice crânio-facial n.º 1 . . . . .	68,87	—	
Índice crânio-facial n.º 2 . . . . .	94,05	—	

(1) Este resultado é sobre 10 casos.

(2) Este resultado assenta sobre 22 casos.

(3) Sobre 21 casos.

(4) Sobre 15 casos.

## Conclusões antropológicas

O tipo dominante da população de S. Pedro é de nutrição média, pele dum moreno leve, cabelos escuros, olhos de cor média, boa dentadura, barba abundante, nariz de perfil rectilíneo, estatura inferior à mediana, mesatisquélico, bastante dolicocefalo, dolicipsida, platicéfalo (pelo índice vértico-longo), hipsicéfalo (pelo índice vértico-transverso) e leptomesorríneo.

A mulher é mais gorda, de pele menos morena, cabelos menos escuros e olhos mais escuros, dentadura geralmente boa, nariz rectilíneo, estatura muito mais baixa, macrosquelica (quasi mesatisquelica), braça relativamente menor, índice cefálico mais alto, embora ainda dolicocefalo, também dolicipsida, crânio menos platicéfalo (pelo índice vértico-longo), menos hipsicéfalo (pelo índice vértico-transverso) e muito mais leptorrínea do que o homem.

Algumas das diferenças sexuais apontadas não teem, porém, como vimos, significação estatística.

Relativamente aos portugueses em geral o transmontano de S. Pedro apresenta um menor excesso de tipo moreno sobre o loiro, nariz mais rectilíneo, estatura mais baixa, maior dolicocefalia, menor índice vértico-longo e maior vértico-transverso, e nariz mais largo como na Beira Baixa.

O tipo médio identifica-se com a raça *ibero-insular* de Deniker, ou *mediterrânea* de Topinard, ou *libio-ibérica* de Anton.

Aparecem poucas estaturas altas e nenhuns braquicéfalos.

Como não há concordância constante entre as altas estaturas e a pigmentação clara, deve concluir-se que uma influência *nórdica*, a admitir-se, se diluiu muito na mestiçagem. Não deve, porém, esquecer-se o papel das condições mesológicas na pigmentação.

Da raça *alpina* ou *cevénola* de Deniker, ou pretendidamente *celta* de Broca, não há vestígios.

Quando muito a desarmonia crânio-facial de alguns indivíduos e as tendências mesorrínicas doutros, fazem crêr na existência do tipo desarmónico que o sr. prof. dr. Mendes Corrêa encontrou também na Beira Alta, ou de sobrevivências esporádicas do meso-platirrínico primitivo, *Homo tagnus*, como aventa o mesmo professor.

A extrema dolicocefalia e outros caracteres fazem acreditar que em S. Pedro encontramos representantes de populações muito antigas do território, o que não é de admirar, dado o isolamento geográfico da região.

## Antropologia cultural

### Habitação

Dum modo geral a casa é pequena, pouco alta, só excepcionalmente com primeiro andar, e de construção pouco cuidada.

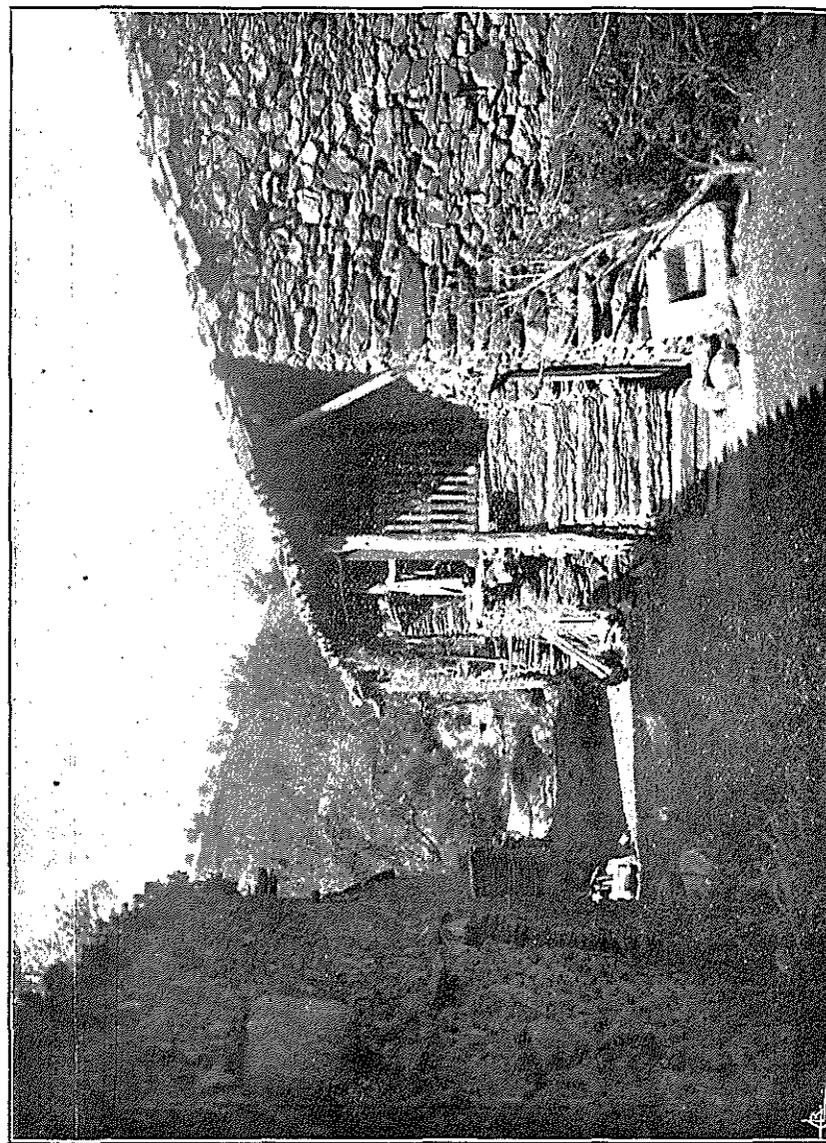
As paredes são feitas de alvenaria, bastante espessas, atingindo por vezes um metro e mais de espessura; porém, na maioria dos casos, esta espessura varia entre 60<sup>cm</sup> e 90<sup>cm</sup>.

O telhado é sempre de pouco declive e quasi nada sobressai fora da parede.

As telhas são ordinárias, e fabricadas na próxima povoação de Valverde.

Em casa alguma se encontram telhas de vidro.

A iluminação é feita só pelas portas e janelas, ou então em compartimento sem comunicação directa com o exterior, isto é, sem porta exterior ou janela, a iluminação é feita por meio do seguinte artifício (fig. 2):



No telhado, por supressão de um determinado número de telhas, praticam uma abertura rectangular um pouco alongada.

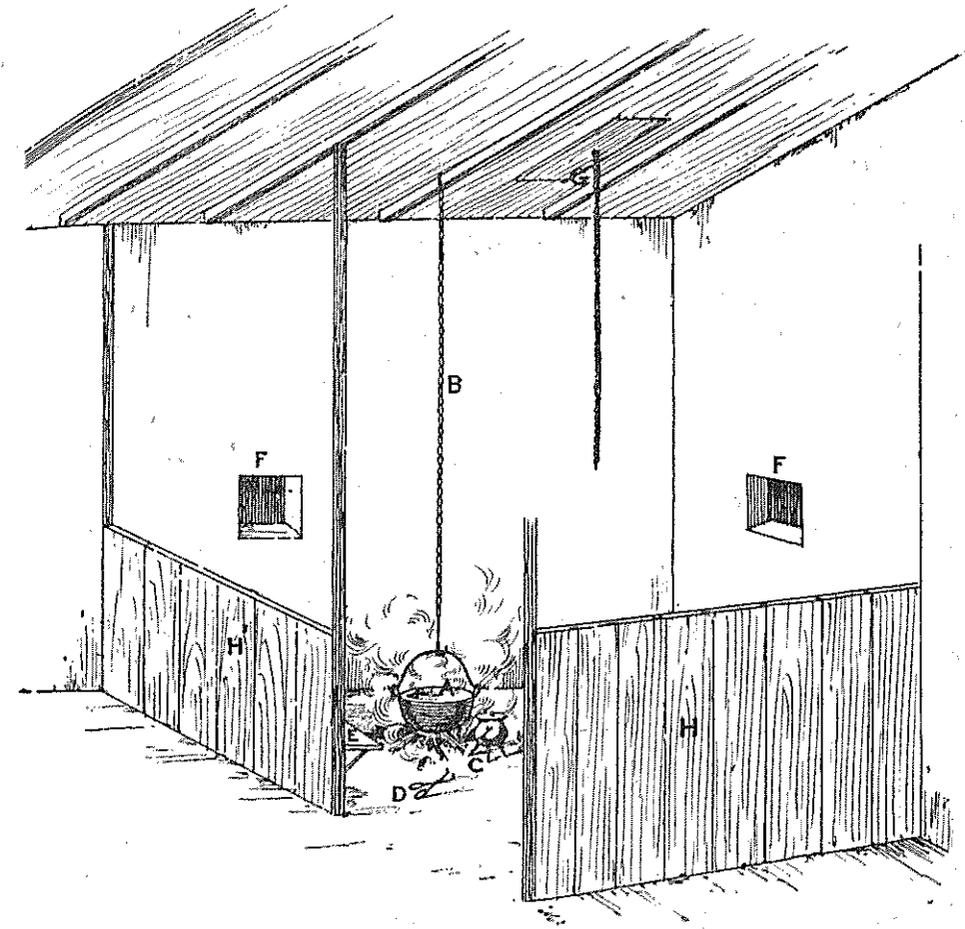


Fig. 2 — Uma cozinha

A, caldeira de cobre; B, lares; C, panela; D, tenazes; E, banco; F, vãos;  
G, cortiça que tapa a abertura de iluminação; HH, tabiques

Arranjam depois o telhado por forma que a água que corre nas caldeiras, direita à abertura praticada, não caia para dentro de casa. Parece, à primeira vista, que tudo estava feito, visto o

fim ser o da iluminação; mas ficando o orifício aberto, por aí entrava a chuva e o frio; para evitar isto, colocam sôbre a aber-

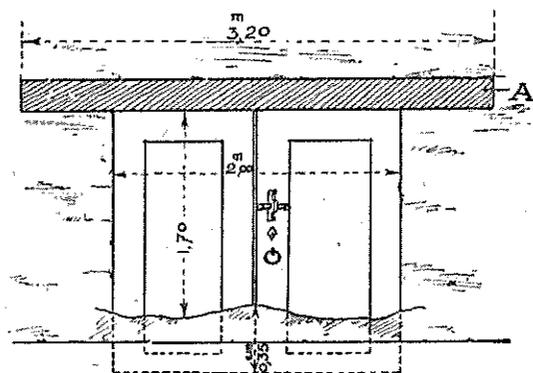


Fig. 3 — Porta de lagar  
A, tróça

tura uma cortiça um pouco maior, mas também rectangular; esta cortiça é depois atravessada por um pau, que pende do teto.

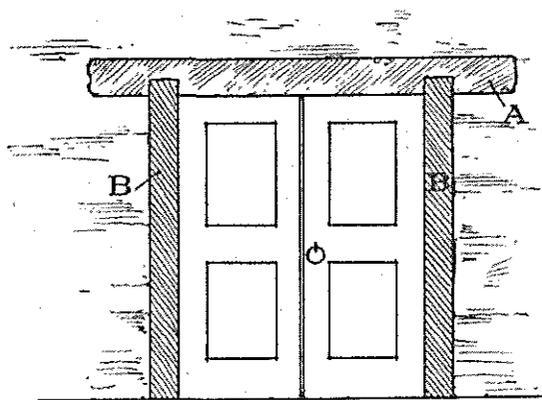


Fig. 4 — Porta de habitação  
A, tróça; BB, marcos

Quando se quiere luz, levanta-se o pau e conjuntamente a cortiça, em seguida dá-se-lhe uma rotação de 90°, e ao descansar a cortiça aproxima-se o pau dum dos ângulos do rectângulo da aber-

tura, de modo que a maior parte desta fica em aberto, iluminando o interior.

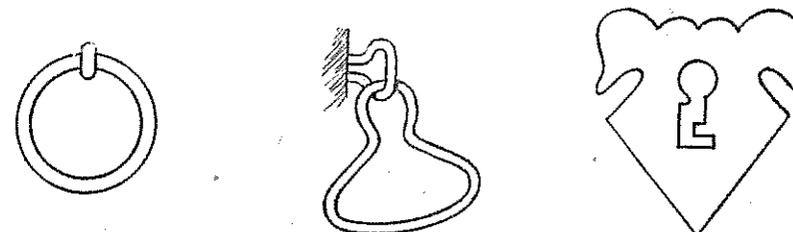


Fig. 5 — Argolas

Fig. 6 — Fechadura

As portas são sempre baixas e largas,

Tôdas as portas teem na parte superior um caibro, que está fixo à parede e que tem sempre maior comprimento que a largura da porta; êste caibro tem o nome de *tróça*.

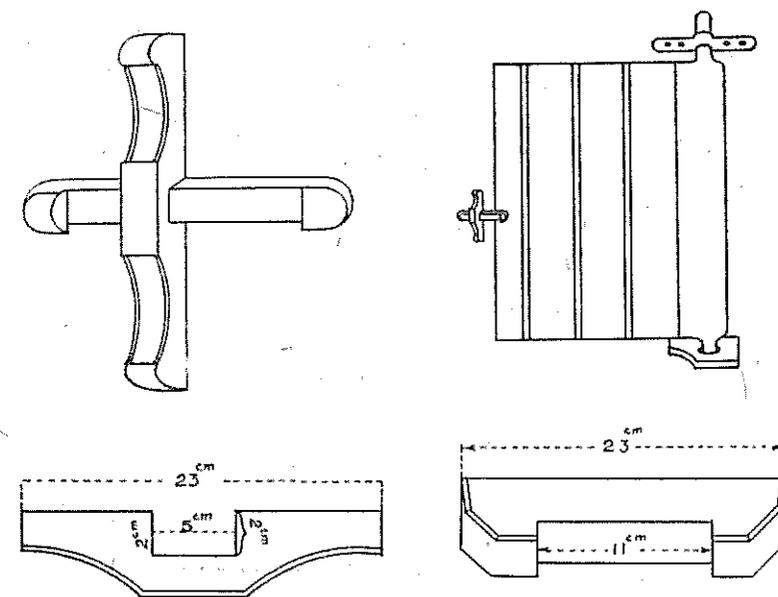


Fig. 7 — Porta de gonzos e caravelhos

Na maior parte encontram-se ainda dois outros caibros verticais, um de cada lado, e cuja parte superior encaixa em dois

entalhes que tem a tróça. A estes dois caibros dá-se o nome de *quissoeiros* ou *marcos*; quando de pedra, teem o nome de *tranqueiros*.

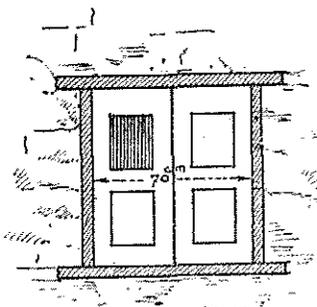


Fig. 8 — Janela  
A almofada superior esquerda tem dobradiças, podendo portanto ser aberta

Em quasi tôdas as portas, inclusivè na da capela, há uma argola por baixo da fechadura, quando a há, mas sempre por baixo do caravelho, e que serve para prender os burros pela arreata enquanto se preparam para a jornada.

As portas giram em gonzos; só duas ou três casas da povoação é que teem portas com dobradiças.

Na última tábuia que forma a porta, há na parte superior um tórno que encaixa numa abertura praticada na tróça, e na parte

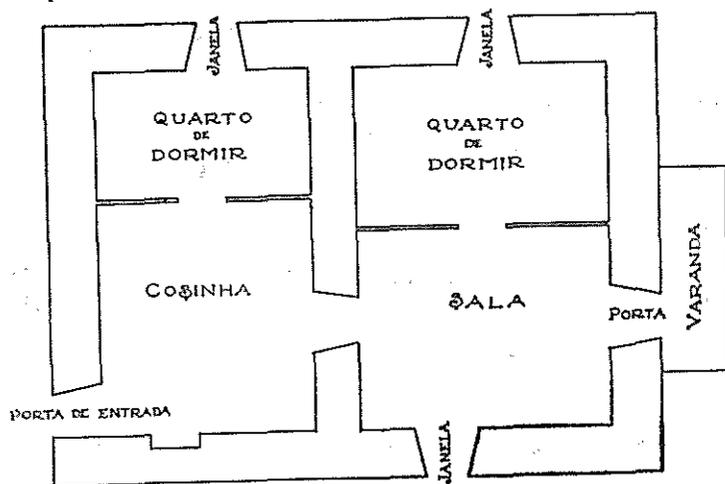


Fig. 9 — Planta de habitação  
A espessura das paredes é de 0m,90

inferior da mesma tábuia há um outro tórno que encaixa num buraco praticado na soleira da porta.

As janelas giram também sobre gonzos. São em pequeno número, quasi quadradas e pequenas. São fechadas por duas portadas de madeira. Não se encontra uma que tenha vidraça.

Encontra-se com freqüência a varanda, que é sempre defendida pelo mesmo telhado da casa a que pertence, e é feita de xisto e madeira, ou madeira sómente.

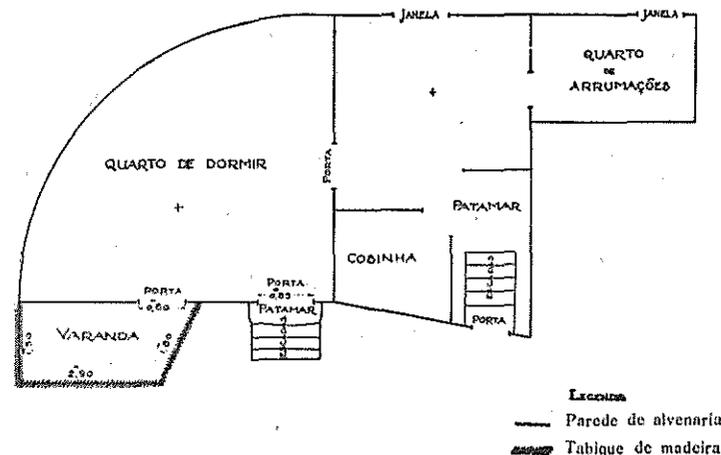


Fig. 10 — Planta de habitação

(As paredes da cozinha da direita e do lado de cima na estampa estão, como a de cima do patamar, indicadas por lapsos como de alvenaria, mas são de tabique)

Ocupa na maioria dos casos só uma parte da frontaria, tendo o parapeito cerrado ou fundido em grade. Sobressai sempre da parede.

Tem as mais das vezes escada de acesso a um dos extremos, e serve como que de antecâmara à habitação; pode pôr não ter escada e então comunica com uma dependência da casa.

À face da via pública, e ocupando parte do comprimento da fachada, sobressai da parede mestra e assenta em xisto, ou firma-se em fortes caibros de negrilho. Neste último caso, a varanda

constitui como que um balcão, formando inferiormente um alpendre.

Quanto à grade ou resguardo, vários casos se podem dar. Este resguardo pode ser um estreito varal pregado às colunas em que descansa a vanguarda do telhado.

Há muitos casos em que se regista a mais a inserção de balaústres lisos ou trabalhados.

Outras vezes ainda a grade se elimina, e uma vedação de tábuas de fôrro a substitui.

O número de divisões da casa é pequeno: só quatro ou cinco excepcionalmente mais.

Êstes compartimentos são de grande superfície. São sobradados a tábuas de pinho. Em alguns quartos, próximo das paredes exteriores, a altura do sobrado ao tecto, que é sempre o telhado, chega a ser de 1<sup>m</sup>,70 apenas.

### Alimentação

A cozinha constitui sempre um compartimento à parte do resto da casa, e não sucede como em algumas pequenas povoações, onde o mesmo aposento é quarto de dormir, cozinha, etc.

Na região, a cozinha constitui a sala de recepção para as visitas dos amigos.

É geralmente pequena, e as mais das vezes feita a um canto duma das salas da entrada por um tabique formado de tábuas de pinho mal aparelhadas e com dois ou três metros de altura. A um canto dêste tabique há um espaço sem tábuas que constitui a entrada para a cozinha. Em nenhuma das que visitei encontrei porta (figs. 2, 11 e 12).

Acêrca dos utensílios de cozinha pode-se dizer que são poucos em número e pouco variados em forma, e além disso todos apropriados a cozinhar no lar.

Fogões, é coisa a que não reconhecem utilidade, pois que ninguém os tem.

Todos os utensílios de cozinha são de ferro, à excepção de alguns caldeiros de cobre.

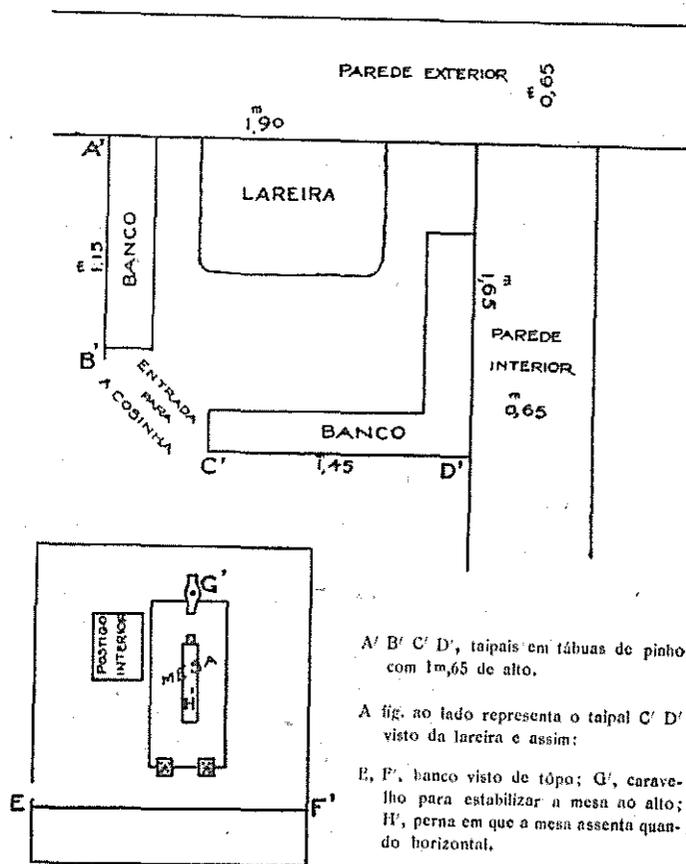


Fig. 11 — Planta duma cozinha

Em barro só há os cântaros para ir buscar a água à fonte, o que é muitas vezes feito pelos homens. Há poucos anos este serviço só excepcionalmente era feito pelas mulheres.

Em ferro podem citar-se as panelas de três pernas, que uti-

lizam as mais das vezes para fazer o caldo e cozer batatas. Seguem-se os tachos de ferro, também com três pernas, em que estrelam ovos e fritam carne ou peixe.

Em algumas cozinhas há uma caldeira em cobre com uma asa em ferro que serve para a suspender do gancho das *lares*. Ai aquecem água para lavar a louça e fazer a *vianda* aos porcos.

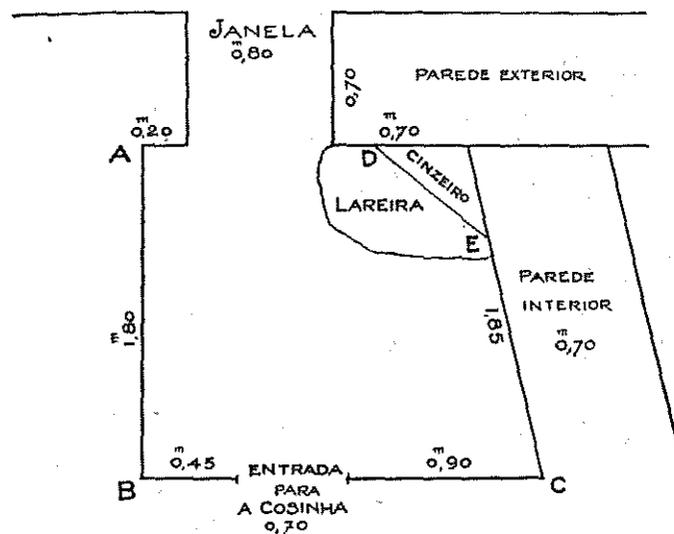


Fig. 12 — Planta duma cozinha

A B e B C, tápais em tábuas de pinho com 1m,70 de alto;  
D E, lage com 0m,70 de alto

Noutras, esta caldeira é substituída por uma metade duma lata de petróleo.

Em muitas há também em cobre uma caldeira semelhante à anterior, mas muito mais pequena, onde fazem as *migas*.

O que se encontra impreterivelmente em tôdas as cozinhas, é uma tenaz em ferro com 40 a 50 centímetros de comprimento, da qual se servem para ageitar a lenha sôbre o *murilho*.

De resto, a tenaz não se encontra só naquela região, mas em quasi tôda a provincia de Trás-os-Montes.

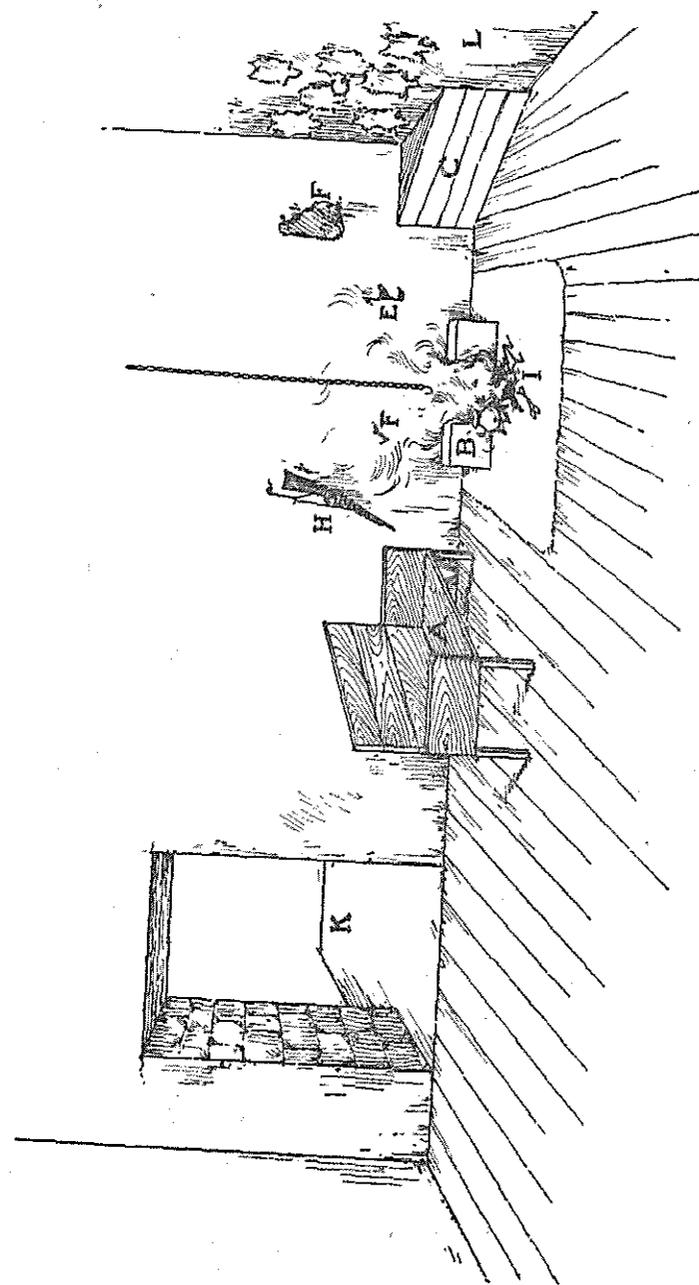


Fig. 13 — Cozinha

A, escano; B, murilho; C, cinzeiro; E, candela; F, gancho de madeira (suporte das lares); G, tábua de madeira (suporte das lares); H, espeto; I, espeto; J, coelho; K, patamar; L, tabique interior

Quanto a louça e talheres, é igualmente reduzido o seu número: alguns pratos grosseiros, umas malgas igualmente grosseiras, uns garfos e quatro ou cinco colheres.

Neste rápido elenco faltam as facas, e na verdade faltam também na quasi totalidade das cozinhas: como utensilio cortante usam uma navalha a que frequentemente chamam faca.

Os seus cozinhados limitam-se a cozidos, fritos e assados. No entanto, o que prepondera são os cozidos.

Os assados são feitos directamente sobre as brazas, ou às vezes numa grelha.

O alimento de quasi todos os dias, e em quasi tôdas as casas, é o que elles chamam *migas* ou *sôpas*, e que é feito do seguinte modo: no caldeirinho de cobre de que atrás falei, são dispostas fatias de pão centeio, previamente *talhado*, em cima deita-se-lhe água a ferver, temperada de sal, depois tapa-se o caldeirinho com um têsto durante uns minutos, até que o pão esteja bem embebido; em seguida escorre-se a água e polvilham-se com colorau picante, ou como lá lhe chamam, *pimento queimado*. Por último, colocam num tacho com bastante azeite a estrugir, um ou dois dentes de alho, e deitam depois êste azeite por cima do pão já amolecido; feito isto, está o alimento pronto. Há várias espécies de *migas*. Estas *migas* substituem o caldo.

O caldo não é tão comum como as *migas*, dada a pobreza das suas hortas.

A carne de porco é também um dos alimentos principais, quer em fumeiro, quer depois de salgada.

Na ocasião das colheitas, recolhem a vagem do feijão, inteira, e não fazem a separação da semente, isto é, não a debulham.

Pelo ano adiante, quando o querem comer, deitam as vagens de mólho e cozem-nas inteiras, comendo-as depois com azeite e vinagre.

O pão é feito de centeio, menos vezes de trigo, geralmente

mal fabricado, o que lhe dá uma côr escura e um paladar nem sempre agradável.

Na povoação só há um fôrno, que é de todos, pois todos trabalharam nêle ou para êle deram alguma coisa; um deu uma trave, outro emprestou os bois para acarretar a pedra, outro deu os tijolos, outro as telhas, outro a maceira, etc.

Um outro alimento freqüente e que durante o verão constitue por si só muitas das suas refeições, é a salada de *azêdas* ou de *cuncos* (*Rumex scutatus*, Lin.).

Vão aos muros, onde esta planta vive de preferênciã, e colhem as fôlhas que são carnudas; cortam-nas depois como quem corta couves para fazer um caldo, deitam-nas dentro do caldeirinho de cobre, e em seguida adicionam-lhe azeite e sal; muitas vezes esmagam batatas cozidas que deitam por cima da salada. Feito isto, está pronto o alimento.

De verão, passam-se dias e dias em que cada refeição é uma salada de *cuncos*, cebola e pão.

A cebola é bastante usada em cru como alimento, mesmo mais do que propriamente como tempêro: a merenda, por exemplo, é muitas vezes constituída por uma cebola e um bocado de pão sêco.

Também comem com freqüência ovos, de várias maneiras, mas em geral *fritos*.

Quanto às galinhas, reservam-nas especialmente para as doenças ou para dias de festas.

É vulgar em muitas regiões de Trás-os-Montes entrar o leite como alimento freqüente, e em especial o queijo. Em S. Pedro, porém, não sucede assim, e só em caso de doença é que o tomam. Julgo, porém, que êste facto é devido mais à sua escassez do que propriamente a dêle não gostarem.

O vinho é colhido em pequena quantidade e, portanto, é substituído por água. Só aparece em dias de festa.

Uma bebida já mais freqüente é a aguardente de figos, que fazem numa alquitarra. Esta bebida constitui para êles o *mata-bicho*.

Um dos maiores petiscos, já não tanto actualmente, mas há uns anos, era o bacalhau, que só comiam três ou quatro vezes no ano: uma dessas vezes era no Natal, outra no dia da festa de S. Pedro, e ainda nas cegadas.

Entre os petiscos podemos enunciar a carne de vaca ou de vitela, que poucas vezes comem.

A carne de carneiro também é muito estimada, e prato obrigatório nos casamentos.

Os tempêros de cozinha, são: o sal, o azeite, gordura de porco e *pimento queimôso*.

Êste último é muito empregado, e em abundância, tornando as comidas picantes e avermelhadas.

As refeições são, em geral, três: uma, pouco depois de se levantarem, é o almoço; pelo meio dia, a merenda, e à noite, a ceia. As refeições são curtas e a hora delas varia conforme as ocupações diárias.

#### Vestuário e ornatos

O vestuário já não tem nada de regional, como o tinha ainda há bem poucos anos, segundo me contaram.

O tão característico e forte burel, que era muito usado pelos naturais, foi pôsto um pouco de parte, embora ultimamente tenha tendência a voltar à sua supremacia passada.

De facto, é muito curioso vêr um daqueles transmontanos com o seu fato de burel, capa do mesmo tecido, fortes *sapatos* (1) *brochados* e um chapéu de aba larga.

(1) Para os transmontanos de S. Pedro tudo são *sapatos*; as botas são assim designadas. É também freqüente a designação genérica de *butes*.

Os fatos são feitos na *quinta* por um homem duma povoação próxima que se diz alfaiate.

O alfaiate vem morar para casa do indivíduo para quem trabalha, com êle come e em sua casa dorme.

Para qualquer povoação que o dito alfaiate se dirige a prestar os serviços de tesoura e agulha, leva um burro carregado com a sua máquina de costura.

Como ornatos, as mulheres usam fios de contas de ouro, ou uma medalha de ouro, de forma oval, presa a uma fita de veludo preto. Os aneis são raros. Nas orelhas, brincos ou arrecadas.

Os homens usam correntes, mas de prata (ainda não vi lá nenhuma de ouro), e o relógio.

#### Agricultura

Pode-se dizer com verdade que é dela que vivem todos os moradores de S. Pedro.

É bem rotineira a agricultura naquelas paragens, e pode-se quasi afirmar que doutra maneira não pode ser feita.

Os instrumentos agrícolas modernos não podem ser usados naqueles terrenos barrentos e cobertos de pedras, sob pena de se deteriorarem em pouco tempo. Em certos sítios, o declive do terreno é tão pronunciado, que andando dois burricos a lavrar, a barriga do que está do lado de cima fica em nível superior ao lombo do burrico do lado de baixo!

Presume-se o que nestas condições sucederia se em vez do modelo de arado que é usado, lavrassem por exemplo, com uma charrua brabant dupla.

As encostas do *termo* estão cobertas de grande quantidade de oliveiras e amendoeiras. Tanto umas como outras são objecto dum particular cuidado em virtude do bom preço que dão, quer o azeite, quer a amêndoa.

A oliveira pouco trabalho requer, pois basta ser lavrado uma vez cada ano o chão onde elas enterram bem fundas as suas raízes, para assim a água das chuvas penetrar mais facilmente até junto das extremidades radiculares, afim de ser absorvida. De três em três anos, e às vezes com um maior espaço de tempo, são as oliveiras limpas, isto é, são cortados os ramos que crescem no interior da copa, para que se faça melhor a circulação do ar, e para que a oliveira *limpe* bem quando está florida.

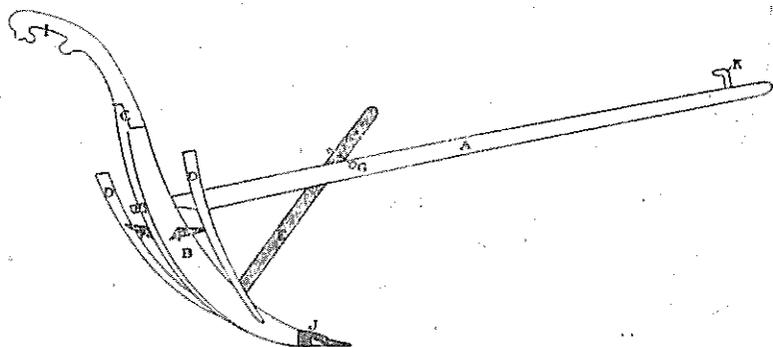


Fig. 14 — Arado

A, timão; B, rabela; C, enxerto; D, orelheiras; E, teirô (em ferro); F, pespenciro (em ferro); G, tesa (em ferro); H, espiga do timão; I, mãoceira; J, relha (em aço); K, cavilha

Além destes cuidados nada mais há a fazer, a não ser colher o fruto na época em que êle está maduro e pronto a ir para a tulha, donde passa para o *pio*, afim de ser moído, e daí para as varas ou prensa onde é expremido.

A amendoeira também dá poucos cuidados. Os amendoadais são lavrados uma vez cada ano, e lá de longe a longe sempre limpam uma *partida* de amendoeiras.

Esta limpeza consiste unicamente na supressão dos ramos sêcos, ou de algum rebento que nasce no caule junto da terra.

De árvores, cultivam ainda a figueira, o pecegheiro, a cerejeira, a macieira, e outras árvores de fruto, mas em pequeno número.

Destas, a mais vulgar é a figueira, da qual os figos depois de sêcos são utilizados como alimento, e vendem os que lhe sobram, ou, mais geralmente, dos que sobram do gasto fazem aguardente em alquitarras.

A vinha é cultivada em pequena escala ainda; basta dizer que nenhum proprietário colhe vinho que lhe chegue para o gasto dum ano. O vinho, geralmente tinto, é de qualidade superior, muito rico em alcool, aromático, e duma côr de cravo desbotada. Mas o modo como o fabricam, faz com que muitas vezes prejudiquem as esplêndidas qualidades naturais que êle tem.

Cultivam em larga escala o centeio, de que fazem o pão com que diariamente se alimentam. O trigo é pouco cultivado. A cevada e as pardas cultivam-se para servir de forragem ao gado, quer em verde, quer depois de sêcas.

O linho é também por todos mais ou menos semeado; e é dele que fazem tôdas ou pelo menos a maior parte das roupas brancas.

Nos lameiros cria-se bom fêno, que dão à *cria* no inverno.

A maior parte dos lavradores faz os seus trabalhos agrícolas com burros; só três é que teem bois. Quando, porém, algum precisa dos favores do que tem bois, êste logo lhos empresta.

Ê gente muito prestável e boa, que se auxilia mutuamente em caso de necessidade.

Só lá conhecia um indivíduo, que já morreu, que nada tinha de seu; porém, os restantes habitantes são maiores ou menores proprietários, tendo todos, pelo menos, umas oliveiras, umas amendoeiras e uns chãosinhos onde semeiam centeio.

Ê das colheitas agrícolas que os habitantes de S. Pedro teem a sua única fonte de receita.

O centeio nem todos os anos chega para o consumo, e é muito raro vender-se para fora da povoação.

A criação de gado lanígero é pouco seguida, pois só há um rebanho em tôda a povoação, o que contrasta com algumas po-

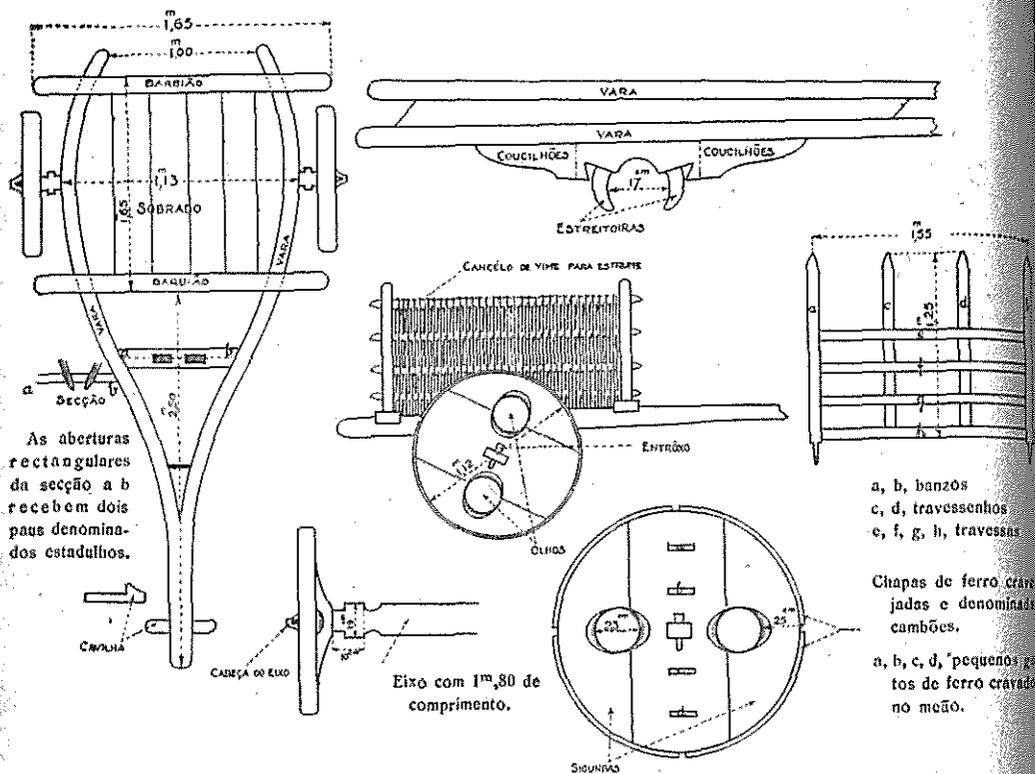


Fig. 15 — Carro de bois

voações vizinhas onde há muitos rebanhos, quer de ovelhas, quer de cabras.

O carro de bois é do tipo que se encontra em todo o distrito de Bragança e noutras terras, variando porém as designações de algumas das suas peças.

### Caça e pesca

Os habitantes desta pitoresca e pequena povoação, como não possuem nela mesma mercado em que se possam abastecer de carnes verdes, e como os centros onde podiam adquirir estes alimentos ficam retirados algumas léguas de distância, teriam que jejuar de tais iguarias, se não lançassem mão da espingarda e das rédes.

É assim que os naturais bastante se dedicam à caça e à pesca, mais talvez por divertimento do que propriamente pela necessidade de alimentação. Em algumas povoações vizinhas, há indivíduos que, durante o período venatório, abandonam os seus officios para viverem exclusivamente da caça, a qual vendem por preços bastante elevados. Há destes caçadores profissionais, que teem dias de matar 15 a 20 cabeças, as quais vendidas em média a 1\$00 cada, perfazem uma soma razoável (1).

Vou agora tentar dar umas notas sôbre caça e pesca, que pude recolher nas conversas que tive com caçadores e pescadores.

O período de caça nesta povoação e nas vizinhas não está limitado ao tempo permitido por lei e que, como sabemos, vai de 1 de Setembro a 15 de Fevereiro, mas estende-se por todo o ano, comquanto no tempo de defeso não cacem com tanta assiduidade, mas isto só nos dois últimos anos, em virtude de há cêrca dêste tempo se ter estabelecido um pôsto da G. N. R. na povoação de Meirinhos, que fica relativamente perto.

Quando, porém, o pôsto mais próximo era o da vila de Mogadouro, a Guarda Nacional Republicana aparecia só 4 a 5 vezes por ano na povoação, e portanto os seus habitantes caçavam mais livremente.

(1) Estes apontamentos foram, como já atraz disse, colhidos em 1920.

É também há cêrca dêste tempo (2 anos), que os caçadores se munem das licenças de uso e porte de armas para a caça.

As suas espingardas são tôdas de carregar pela bôca, ou de espolêta, como se denominam vulgarmente. Parece-me que não há casa onde não haja uma espingarda, e casas há em que há mais do que uma.

Pode-se, pois, dizer que homens e rapazes são caçadores, ou antes, saêm à caça, o que é um pouco diferente.

Usam pólvoras ordinárias, e em gêral chumbo redondo; só para caças especiais é que carregam com *quartos*, que são por êles feitos de chapa de chumbo, com dois a três milímetros de espessura.

Os estratagêmas empregados pelos caçadores da região são vários e bastante numerosos, utilizando e preferindo uns ou outros, conforme a caça e a época do ano em que os usam. O furão, que é por todo o país muito empregado na caça ao coelho, é por estes caçadores pouco usado, talvez por requerer uma alimentação especial (ovos, leite, pássaros, etc.), ou talvez ainda por necessitar de bastantes cuidados e limpeza.

A caça ao coelho, que é a que praticam com mais freqüência por ser a que mais abunda, fazem-na com cães, que geralmente são ordinários, mas em número bastante grande (às vezes mais de 15), de modo que sempre levantam caça.

Os caçadores, logo que sentem o matique dos cães, que é o sinal de que deram na pégada de caça, procuram subir para um ponto elevado, um monte de pedras, uma fraga, uma parede, uma árvore, etc., a que chamam *posteira*. Aí esperam pacientemente que o coelho se aproxime, as mais das vezes *furtado* aos cães, e então com todo o vagar apontam-no e desfecham, conseguindo assim mais uma cabeça para o seu cinto de caça.

Caçadores há que, quando estão nestas *posteiras*, e vendo que o coelho ao aproximar-se não é seguido de perto pelos cães,

fazem um pequeno ruído, tal como um assobio, um pschiiu, etc., e então o coelho pára, senta-se nas patas trazeiras e fica com as orelhas muito direitas, procurando saber donde vem o barulho; é neste momento que o caçador desfecha, matando com facilidade a caça que apontou. Não quero dizer com isto que não matem grande quantidade de coelhos, quando estes vão em carreira.

Costumam caçar o coelho sem cães, à tardinha ou de manhã cêdo, em determinados sítios por êles bem conhecidos, e onde é notória a sua abundância.

Dizem êles que nestas *esperas* teem chegado a contar nalgumas dezenas de metros quadrados, de *quinze a vinte* coelhos; por isto se pode calcular quanto é rica em caça esta região.

Nos meses de Maio e Abril ou do *cio* saêm também, mas agora só um caçador, e não aos grupos de 8 e 10, como fazem nos meses precedentes. Êste caçador vai colocar-se num determinado ponto do monte, e então com um guincho especial que consegue dar sem auxílio de chamariz de espécie alguma, unicamente com a língua e garganta, faz com que as coelhas se aproximem julgando estar ali o macho apeteçido, e afinal, em vez do encontro desejado, topam a morte nos canos da espingarda traiçoeira.

Êste estratagêma é pouco empregado, pois é necessario que o guincho seja muito semelhante ao do coelho, o que é difícil de fazer. Tive conhecimento de que apenas um caçador na povoação conseguia isto com facilidade; os outros só por acaso conseguiam atrair alguma fêmea mais descuidada.

Caçam também o coelho com os *ferros*; é como chamam a uma grande ratoeira com dois arcos de ferro dentados, os quais, impelidos pela acção duma forte mola, batem com fôrça um no outro, agarrando entre si a peça de caça que por acaso toque, ao passar por cima, no fecho de segurança da mesma.

Armam estas ratoeiras nos carreirões que se estendem por

entre o mais espesso dos montes, ou próximo dos sítios (paredes velhas, buracos, etc.), onde os coelhos se costumam refugiar, e que eles denominam *encerradios*.

Uma caça que também é abundante mas menos que o coelho é a perdiz, que por eles é muito apreciada, não só pelo excelente sabor da carne, mas pela dificuldade que apresenta em ser morta quer pelo sistema atrazado das espingardas, quer pela natureza do solo que dificulta a rapidez com que devem ser perseguidas; enquanto que estas voam com facilidade dum encosta para a encosta fronteira, o caçador tem que descer ao vale e subir a encosta fronteira, de modo que nisto gasta tempo, cança-se, e muitas vezes, ao chegar ao ponto visado, já as não encontra.

Quando matam grande número de perdizes é na época do cio, servindo-se da *gaiola*, que é mais um estratagema empregado pelos naturais; o individuo esconde-se atraz de qualquer anteparo (um muro, um arbusto denso, etc.), e coloca numa elevação do terreno, numa fraga, ou galho de árvore, a uma distância nunca superior a 20 metros, a gaiola com o perdigão; este começa a cantar, e eis que se aproximam as fêmeas, sucedendo-lhes como às coelhas pelo processo de caça atraz descrito.

Há, porém, alguns caçadores em S. Pedro e nas povoações visinhas que, emitindo uns sons especiais e entrecortados, conseguem imitar o canto do perdigão, e atraíem assim as fêmeas amorosas.

Em Maio e Junho, quando as perdizes já andam na postura ou já no chôco, agarram-nas, armando-lhes laços nos ninhos. Na época das sementeiras do centeio e do trigo, armam-lhes também uns laços com uma varinha espetada a prumo e um fio de resistência relativamente pequena, conseguindo por este meio agarrar grande número delas.

Comquanto os coelhos e as perdizes sejam as espécies de caça mais abundantes, aparecem com frequência e são também

bastante caçadas, a lebre, a galinhola, a galinha de água, a rôla, os patos bravos, os pombos bravos, os pombos torquazes, o tordo, o estorninho, a papalva, a raposa, a lontra, etc. Aparecem quando os invernos são rigorosos grande quantidade de lobos nos montes circumvisinhos e são o terror dos pastores; aparecem também javalis, mas em menor quantidade que os lobos. A papalva é caçada em ferros; caçam-na, tendo em vista a pele, que vendem por preços variáveis, mas podendo atingir 30 a 40 escudos cada pele ( ).

A raposa é também caçada em ferros de maiores dimensões do que aqueles com que agarram as papalvas e os coelhos, ou ainda a tiro. Visam também quando a caçam só a pele, que igualmente vendem por preços razoáveis. As restantes espécies de caça enumeradas não são caçadas com frequência, e atiram-lhe só quando se apresenta momento azado e oportuno.

As montarias aos lobos e javalis já há muitos anos que se não fazem.

Abundam ainda grandes aves, como seja o bufo, que não merece grande cuidado venatório, e as aves *peixeiras* (por eles são assim chamadas umas aves esbranquiçadas ou quasi brancas, que se encontram na margem do rio, e que igualmente lhes suscitam poucos cuidados venatórios). O mesmo não sucede já com as abetardas, que são grandes aves de rapina diurnas e que caçam com zagalote; estas aves são difíceis de abater, quer devido à sua grande acuidade visual, o que faz com que tenham de ser visadas de longe, quer por terem duas camadas de penas, como me informaram. Nas temporadas que lá passei, não consegui ver nenhuma morta; porém, disseram-me que ainda no ano anterior

(1) Em 1920, quando colhi estes informes, era este o preço. Actualmente, vendem-nas por preços que variam entre 150 e 250 escudos, e às vezes mais.

tinham matado uma com 14 pés (não o pé, medida inglesa), de azas abertas, ou sejam aproximadamente três metros e meio de envergadura; a essa esfolaram-na, tiraram-lhe a primeira camada de pênas, que são compridas, negras, e muito resistentes, e deixaram-lhe ficar a segunda camada de pênas, filiformes e muito macias. O caçador que matou esta abetarda foi quem me deu estas informações, e mais me disse que vendeu a pele com a tal segunda camada de pênas por 4\$50, para o comprador dela mandar fazer um colete.

Como se vê, a caça nesta região é abundantíssima, e os processos nela empregados pelos naturais são variadíssimos.

A quantidade de peixe que abunda na porção do Sabor que delimita o termo da povoação de S. Pedro com a povoação da Parada é relativamente grande, e maior seria se os habitantes das povoações limitrofes não pescassem com meios destruidores, não só do peixe grande como também do peixe meúdo.

Abundam muito as bogas, os escalos, os barbos (*machos* lhes chamam) e as enguias, sendo mais raros os sáveis e as lampreias.

Os habitantes da povoação e das povoações vizinhas sabem já quais os meses em que as diferentes espécies de peixe abundam e devem ser pescadas; teem uma espécie de calendário piscatório, por onde se regulam. Em Março e Abril abundam enormes cardumes de bogas, que andam a desovar, e que são pelos naturais muito pescadas por diferentes modos, mas principalmente à chumbeira. Em fins de Abril e todo o mês de Maio aparecem as lampreias, que em certos anos são pouco abundantes, e por isso por êles muito estimadas; são geralmente pescadas à garrocha. Durante todo o verão pescam o barbo, a que chamam *macho*, o escalo e as enguias. No inverno e fins do outono pescam pouco. Em alguns anos aparece em Abril o sável, mas é raro, pelo que é altamente apreciado.

São muitos e variados os meios empregados pelos naturais, na pesca das espécies atrás enumeradas. Podemos dividir em dois grupos os estratagêmas de que os habitantes da povoação lançam mão:

1.º — Estratagêmas com que se apanha peixe sem necessidade da presença do homem;

2.º — Estratagêmas que necessitam da presença do homem.

Os estratagêmas do 1.º grupo são geralmente feitos de vime, enquanto que os outros são de rede ou feitos com raízes, tubérculos, cormos de certas plantas e utilizando até animais. No 1.º grupo temos os seguintes, de que tive conhecimento: — *canal*, *nalsa* (cf. *nassa*), *nalseiro* e *côbo* (cf. *côvo*).

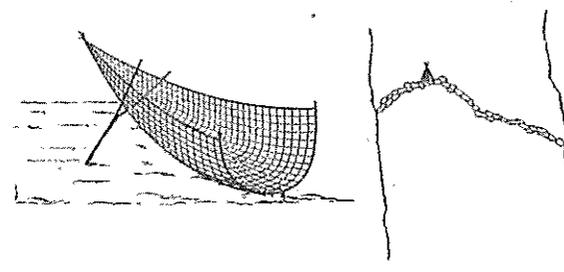


Fig. 16 — Canal

*Canal* — Este estratagêma é feito de vimes, que, partindo dum mais grosso vergado em semi-circunferência, vão concorrer num ponto que fica sensivelmente ao nível do centro da semi-circunferência considerada, ou um pouco mais acima. Os vimes longitudinais são por sua vez entrelaçados por vimes transversais, que vão passando alternadamente por dentro e por fóra daqueles. O conjunto, como mostra a figura, dá o aspecto da metade dianteira dum barco que tivesse sido serrado a meio, conservando invariável a sua forma.

O *canal* é armado do seguinte modo: num ponto em que o rio seja baixo, quer de fundo arenoso quer de cascalheira, cor-

tam a corrente por duas fiadas de pedras amontoadas e que vão concorrer num ponto comum, deixando uma abertura correspondente à largura do canal (fig. 16).

Este é prêso às duas últimas pedras das paredes, se é que assim lhe podemos chamar, enquanto que na parte dianteira ou prôa, permitam-me a expressão, se encosta uma *galha* de madeira em forma Y, para dar estabilidade ao estratagema. É claro que os peixes, descendo rio abaixo ao sabor da água, caíem dentro do canal, não conseguindo safar-se.

*Nalsa* — *Nalsa* (corrupção de *nassa*) e *nalseiro*, são quasi iguais e tem a forma dum cesto; quer um quer outro são de vime e colocados debaixo dos açudes ou quedas, e aí agarram grande quantidade de peixe.

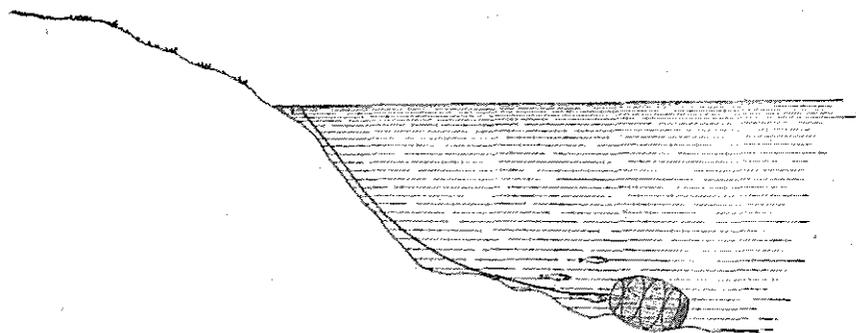


Fig. 17 — Côbo

*Côbo* — É uma espécie de barril de tamanho reduzido, não tendo geralmente mais de 1 metro de comprimento, e em que as aduelas e os arcos são de vime: um dos tampos (*a*) (fig. 17) é móvel e abre-se quando se quere, tirando um fecho que o prende ao resto do estratagema, é por este tempo que se tiram os peixes que tenham penetrado no *côbo* pela parte oposta, em que o tampo é substituído por uma espécie de funil também de vime, e que apresenta no fundo uma abertura circular com um diâmetro que raro excede 10 centímetros.

Dentro do *côbo* é deitada a *cêba* (cf. *cêvo*), como êles chamam à isca, que é composta ordinariamente de torrões de bagaço de azeite, miolo de pão, etc., o que aguça a gulodice e avidez dos peixes que entram pela abertura em forma de funil, para não mais tornarem a sair. O *côbo* está preso a uma corda ou raiz com alguns metros de comprimento, e é deitado no fundo do rio. Costumam prender a extremidade da corda a uma pedra que colocam debaixo de água, mas de modo que se lhe chegue com a mão (veja-se a fig. 17). Quando se quere *olhar* o *côbo*, não há mais a fazer do que puxar a corda e trazê-lo para terra. Por este processo agarram pouco peixe, mas relativamente grande.

Passemos aos estratagemas do 2.º grupo, que são, como já disse atrás, formados de rede, animais, vegetais, ou partes especiais destes.

*Rede* — Designam por este nome grandes redes que atravessam no rio e que tem sempre para cima de 500 malhas, havendo algumas com 1:000 e mais ainda: estes números representam não a totalidade das malhas da rede, mas o número delas numa das fiadas longitudinais.

A pesca com estas redes é orientada do modo seguinte: num determinado ponto do rio colocam uma destas redes e fixam-na às margens, depois a uma distância rio acima que pode variar muito, mas que geralmente não é inferior a 500 metros, lançam outra rede idêntica à de baixo, e então três ou quatro homens vão nadando e arrastando-a rio abaixo enquanto que nas margens os companheiros fazem barulho e atiram com pedras, paus, etc., para o rio, batendo de rijo com os pés nas margens, com o fim de os peixes saírem dos seus esconderijos e fugirem num ou noutro sentido. Ao subirem encontram a rede que vem descendo rio abaixo; ao fugirem, no sentido descendente, encontram a rede fixa, de modo que fica entre as duas redes grande quantidade de peixe, que depois é arrastado para terra,

entre gritos de alegria, gestos desconexos, grande algazarra e vozeria, manifestando satisfação: é no meio dêste chinfrim que recolhem o pescado.

Desta maneira que êles denominam *a varrer*, teem tirado às 8 e 10 arrôbas de peixe, e mesmo mais, segundo as informações colhidas.

Em seguida, parte do peixe é ali preparado com tempêros e o mais preciso, que trazem de casa. Depois de estripado e escamado, e às vezes mesmo sem êstes tratamentos prévios, é assado. Em seguida acamam os peixes numa caldeira de gigante <sup>(1)</sup>, deitam-lhe sal, azeite e vinagre, e é no meio de grande alegria que daí vão comendo e bebendo das respectivas *botas*.

*Galrito* — É uma espécie de rodafol, feito dum galho de árvore em forma de Y, tendo os ramos superiores um comprimento em média de 35 a 40 centímetros; entre êstes dois ramos há uma rêde em forma de saco. Êste utensílio piscatório é empregado geralmente após o lançamento do tiro.

*Chumbeira* — É muito conhecida e empregada por tôda a parte. Portanto, nada será necessário dizer a tal respeito.

*Tiro* — É a maneira mais destruidora que esta gente emprega na pesca.

Em pontos fundos do rio; a que chamam *poços*, a bomba de dinamite é lançada.

Préviamente, porém, vão cebar o poço ou poços da maneira seguinte: uma semana antes, todos os dias e à mesma hora, atiram para dentro da água do poço com ceba (centeio, trigo, cascão, ou qualquer outro alimento) de modo que os peixes

(1) Caldeiras de gigante, aberturas circulares, de profundidade variável, que aparecem nas rochas das margens e que são produzidas pela acção erosiva das águas do rio.

acodem em grande quantidade àquele ponto. Ao fim dalguns dias, se vêem que o número de peixes é grande, chegam o fogo ao rastilho da bomba de dinamite, a qual atiram em seguida à água. Ela vai descendo para o fundo, e a certa altura explode, matando pela deslocação brusca da água grande quantidade de peixe.

Podem dar-se dois casos: ou os peixes veem à superfície da água, e neste caso são tirados para fora com o galrito, ou ficam no fundo, e então é necessário mergulhar para os tirar. Os habitantes da povoação, como exímios mergulhadores que são, chegam com a maior facilidade a ir buscar peixes mortos por êste processo ao fundo de poços com sete, oito e mais metros de profundidade.

*Embude* — Êste processo consiste em esmagar a raiz do embude, *Oenanthe crocata*, Lin., raç. *Apifolia* (Brot.), que é muito venenosa e que se parece com a cenoura.

Depois de bem esmagada juntamente com terra, metem a massa resultante num saquito de pano raro (sarapilheira, por exemplo). Mergulham com o saquito e vão-no introduzindo nos buracos, remexendo bem lá dentro com a mão; passados momentos, começam a vir os peixes à superfície e então vão-n'os atirando para terra.

*Trovisco* — Êste processo, que é pouco empregado em virtude das suas extremas propriedades tóxicas, prepara-se análogamente ao anterior, mas das raizes da *Laureola gnidium*, Samp. É enorme a quantidade de peixe que teem agarrado com êste processo, mas é grande o número de peixes pequenitos que matam, devendo ser pôsto portanto de lado.

*Maleiteira* — É também idêntico êste processo aos dois últimos descritos.

É feito com diversas espécies de Euphorbiáceas, geralmente da *Euphorbia characias*, Lin., e da *Euphorbia biglandulosa*, Desf., raç. *Broteri* (Dav.), principalmente desta última, que é extrema-

mente venenosa pela grande quantidade de suco leitoso tóxico que segrega.

*Marra* — Este meio de pesca é empregado apenas nos anos de grande seca e numa ribeira que corre no fundo do vale da encosta onde fica a povoação. Consiste, como se sabe, em armado dum grande martelo de ferro ou *marra*, ir até próximo das lages (pedras de grande superfície e pouca espessura) que estão metade mergulhadas na água e metade fora; os peixes, ao sentirem barulho, refugiam-se debaixo delas. Então dá-se uma grande marretada na pedra e os peixes que estavam debaixo morrem ou ficam pelo menos atordoados, o que permite agarrá-los facilmente.

*Garrocha* — É um grande garfo de quatro dentes, encabado num pau de pequeno comprimento. Com êle apanham as lampreias.

*Cascão* — É a *ceba* preferida para cebar um poço antes de deitarem o tiro.

É um insecto que não consegui vêr, e portanto vou expôr o que acerca dele ouvi das bôcas dos naturais.

«Em certas noites de verão, pouco depois do sol pôsto, mas já escuro, são tantos a cair na água que até fica o rio branco. Então ouve-se uma grande chiadeira feita pelos peixes que veem à superfície para os comer; é uma chiadeira pegada, e é nessa ocasião que se fazem boas peixadas.

«Para os agarrarmos para guardar, acendemos uma fogueira na borda do rio e êles *empeçam* de vir para a luz; muitos morrem queimados, mas outros queimam só as azas e caíem em volta da fogueira; às vezes são tantos que até apagam a fogueira. Depois desta apagada, começamos a juntar os que estão em volta ainda meios vivos e chegamos a encher um alqueire e mais».

Segundo a informação, é curioso tal fenómeno, mas como a êle não assisti nada posso afirmar com segurança.

### Comércio e indústrias

Não cabe a designação de comerciantes aos transmontanos de S. Pedro, porquanto se limitam a vender apenas os gêneros das suas colheitas.

O que vendem em maior quantidade e com o que fazem mais dinheiro, é a amêndoa; esta é vendida quer com casca (ao alqueire), quer depois de *escaxada* (como êles dizem), e neste caso às arrobas.

O azeite é também bastante, mas o produto líquido da sua venda nem sempre se aproxima do obtido pela venda da amêndoa, para a maioria dos proprietários.

O figo também raras vezes é vendido, em virtude de ser pequena a sua produção. Depois de colhido é sêco, e em seguida, as mais das vezes *queimado* numa alquitarra.

A produção de lã e conseqüentemente a sua venda são pequenas, pois só um dos proprietários de S. Pedro possui rebanhos.

É muito deficiente o resultado monetário proveniente das vendas de centeio, trigo e outros cereais, pois como já disse quando tratei das culturas, a produção é pequena e nem todos os anos chega para o consumo.

A venda de qualquer dêstes produtos agrícolas é feita de duas maneiras: ou os proprietários transportam os seus gêneros para as feiras, e aí é feito o negócio, ou então a venda é feita na própria povoação a comerciantes que andam de terra para terra fazendo as suas compras.

O segundo caso é o preferido, porque com o primeiro sucedia às vezes não se conseguir fazer a venda na feira, e portanto ter de ser o género trazido novamente para casa, o que acarretava despesa e trabalho, sem resultado algum.

Quanto a indústrias, nenhuma se pratica com desenvolvimento. A fiação é feita manualmente e constitui uma das poucas ocupações das mulheres, além dos afazeres de casa.

A tecelagem também é feita manualmente. Na povoação só há um tear.

A lã é fiada e depois tecida pela única mulherzinha que tem tear; o tecido resultante tem o nome de *sirga* e só depois de ir ao *pisão* é que fica mais espesso e toma então o nome de burel.

Emquanto *sirga*, as mulheres costumam fazer dela aventais.

Depois de burel, é este tecido utilizado para o vestuário dos naturais; as mulheres fazem dele saias e os homens fatos e capas.

O linho é também lá colhido, fiado e tecido.

A indústria cerâmica não existe. Quando necessitam de telha, toda ela da chamada telha portuguesa, vão buscá-la a Valverde, povoação próxima, onde num grande largo se vêem muitos fornos para cozedura da mesma.

#### Nascimento

Não há parteira de profissão; qualquer mulher desempenha essas funções.

Perguntando se havia uma mulher curiosa que fôsse chamada nessas ocasiões, responderam-me:

— Não, meu senhor, a primeira vizinha que aparece é que *talha a vide* <sup>(1)</sup> e depois amarram-na com um fio *qualquera*, quasi sempre linha caseira, e a ponta dêsse fio ata-se a um pé da mãe.

(1) Embide, cordão umbilical.

Uma mulhersinha da povoação teve uma criança num caminho um pouco distante do povoado, e após o nascimento da mesma, foi ela própria quem cortou o cordão umbilical com uma pedra de gume, batendo sobre outra chata. Enrodilhou depois a criança num chiale que levava, e retrocedeu para a povoação.

Daí a bocado saiem as *livias*; se demora tempo a aliviar-se, o homem agarra-a pelas costas, por debaixo dos braços, e dá-lhe duas sacudidelas pequenas, para as *livias* sairem. Às vezes saiem logo; outras vezes é necessário pôr uma garrafa vasia na bôca da mãe, para ela *assoprar*, e assim saiem as *livias*. Em seguida estas são deitadas na lareira com rescaldo por cima, e lá se fazem em cinza.

— E depois de nascer o que fazem?

— Os rapazes, puxa-se-lhes o nariz para que não fique *batato*, e às raparigas aperta-se-lhes os biquinhos dos peitos para sair a peçonha que trás lá metida, senão criam-lhe os peitos.

— Em seguida lavam-nas, não é verdade?

— Sim, meu senhor, dá-se-lhes um banho em água quebrada da friura, mas há quem os *espete* logo numa bacia de água fria.

— E à mãe não fazem tratamento nenhum?

— Trata-se a caldos de galinha, umas malguinhas de chocolate *migado*, e assim umas coisas boas...

— E a criança como se alimenta?

— Os primeiros três dias é amamentada por uma mulher que tenha leite, outras vezes metem-lhe uma *torcida* <sup>(1)</sup> de açúcar ou mel.

— E porque é que nestes dias não é a criança alimentada pela mãe?

— É por causa de não mamar o leite ruim, porque senão fica *engégada* e pode morrer.

— De comer, nada, está claro?

— Qual quê, a algumas aos dois dias já lhes dão papas, que são feitas de leite com uns *miolinhos* de trigo e açúcar, e aos três dias já a mãe anda a pé e a governar vida.

(1) Chupêta.

— E as crianças mamam muito tempo?

— É conforme. *No momento* em que elas cômam, aí pelos 14 ou 15 meses são apartadas, mas há algumas que não comem, e então mamam até *ós 2 e ós 3* anos.

— Quando a mãe não tem leite, o que fazem?

— Quando a mãe não tem leite são criadas a cabras.

— Dando-lhes leite de cabra?

— Não, meu senhor; elas é que mamam nas cabras.

Como eu me admirasse com tal resposta, a criaturinha continuou:

— Olhe que há cabras criadeiras que, quando estão prêsas, começam a berrar pelas crianças, e mal as soltam, vão direitas onde elas estão e ajeitam-se em volta do berço para elas mamarem.

Os abôrtos ou *desmanchos*, como lhes chamam, são pouco freqüentes.

Quando os há são quási sempre devidos a causas acidentais e só raríssimas vezes serão voluntários.

Julgo mesmo que desconhecem ali qualquer meio para originar um parto prematuro e evitar o nascimento das crianças.

### Infância

As criancinhas vão crescendo, com poucos cuidados.

São geralmente entregues a seus irmãos ou irmãs mais velhas, que não sabem vê-las com carinho, deixando-as freqüentemente sós para se entreterem na brincadeira com os da sua idade. Apesar dos poucos cuidados de alimentação e higiene, a mortalidade nas crianças não é grande.

Os rapazes e as raparigas, como não teem escola alguma a freqüentar, passam os dias na brincadeira e a correr pelos olivais em volta da povoação.

Pelos 10 ou 11 anos, tanto os rapazes como as raparigas já

começam a auxiliar os pais. Um caso interessante é aquele que se nota nas crianças, à hora das Trindades. Depois que todos os homens dum grupo, de cabeça descoberta, rezam as suas orações, se persignam e dão as boas noites, as crianças que estão próximas dirigem-se ao grupo e pedem a benção, beijando a mão a todos.

### Casamento

Após um período de namôro, mais ou menos longo, o namorado, umas vezes sósinho, outras acompanhado por uma ou duas pessoas de família, vai a casa dos pais da rapariga pedir-lh'a em casamento. A ocasião escolhida é quási sempre de noite, ao serão. Quando a rapariga não está muito entusiasmada, falam aos pais a vêr se ela se anima e aceita o noivo. No caso dela resolver favoravelmente, combina-se o dia dos pregões. Durante os três domingos dos pregões nem o noivo nem a noiva vão à missa.

O primeiro domingo nada tem de característico; passa despercebido como qualquer outro dia.

O segundo domingo, domingo do meio ou dos parabens, tem já um cunho próprio que o torna digno de referência.

Se o rapaz é de fora, convida os pais, parentes e amigos a acompanharem-no a casa da noiva. A êstes e áqueles que da povoação foram convidados é servido um jantar.

As amigas da noiva, e mais pessoas conhecidas que não foram convidadas, acabado o jantar, vão dar os parabens aos noivos. Ê-lhes nessa ocasião servido vinho, pão trigo, tremôços, queijo, doces, licor de canela, etc.

Neste domingo é que a noiva corta as *carochas* <sup>(1)</sup> do trigo, e dá-as ou manda-as às suas amigas para que lhes apeteça casar depressa.

(1) Cantos.

O terceiro domingo decorre como o primeiro, sem luzimento ou festa, de modo a distingui-lo de qualquer outro.

O dia do casamento é depois assente.

O período que decorre entre o terceiro domingo e o dia do casamento é geralmente curto, às vezes três dias; em certos casos estende-se, porém, a um e dois meses. Se, porém, passar além de três meses, é necessário apregoar outra vez.

Chegado o dia do casamento, os noivos, família e convidados *abalam* para Meirinhos.

Feito o casamento civil, dirigem-se para a igreja onde se casam religiosamente.

Celebrado o casamento religioso, vão para casa dum habitante de Meirinhos, previamente convidado para a festa, e aí comem *qualquera tacosito*, uns tremóços, pão trigo e uma piñga.

Após isto, seguem para S. Pedro; quando entram na povoação, duas raparigas seguram na mão um arco feito de dois vimes fortes, enfeitado com flores, lenços de sêda e laços. Os noivos, que então veem à frente e de braço dado, param debaixo do arco, e tôda a comitiva ouve em silêncio as *lôas*.

As *lôas* são uns versos adequados, enaltecendo os dotes dos noivos e louvando os padrinhos. Este, no fim, *convida* (remunera) as raparigas, dando-lhes 5\$00 ou 10\$00 escudos. Acabadas as *lôas* dirigem-se a casa, e segue-se o jantar.

O menú do banquete é profuso e variado: sopa, arroz de carne, carneiro guisado, carne do *açongue* assada, caça assada, peixe, etc.

Todo o jantar é abundantemente regado com vinho da região. À sobremesa é servido arroz doce, creme, doces, fruta do tempo, e licor de canela.

### Ritos fúnebres

As cerimónias fúnebres são o objecto dum estudo especial nos trabalhos de etnografia, porque realmente nos dão com maior ou menor exactidão idea do culto dos mortos, da religiosidade e do fanatismo dum povo.

É porisso que vou procurar descrever os ritos fúnebres seguidos na povoação.

Uma das últimas mortes, que nesta houve, foi a dum velho. Passo à descrição pormenorizada.

O homemzinho adoeceu com um carbúnculo, e no fim de três dias morreu.

Uns momentos antes da agonia e do último suspiro, a espôsa, que ia ficar viuva, sentou-se na cama do moribundo e, entre gritos de dor e lágrimas não contidas, ia-lhe dizendo:

«Reza comigo para a tua alma entrar no céu», e prosseguia: «Padre Nosso que estais no céu, etc.». O moribundo lá ia respondendo numa voz roufenha e cada vez mais sumida.

Estas orações, em vez de aliviar o moribundo, pois eram ditas para consolação do agonizante, com certeza o affligiam, porque lhe iam segredando que em breve desapareceria dêste mundo para sempre.

Verificado o óbito, a mulher e família do finado começam em altos gritos lamentando o morto e lastimando a sua desgraça, a perda do marido ou do pai.

Em algumas povoações vizinhas, quando a família do morto é abastada, são contratadas uma ou duas mulheres para fazerem o chôro; são as carpideiras.

Passados, porém, os primeiros momentos, e depois que os espíritos dos amigos e vizinhos presentes estão mais sossegados, começa uma das fases mais curiosas da cerimónia.

A viuva sobe para cima da cama, e de joelhos vai embeber um raminho de oliveira em água benta e com ela asperge o morto e os cantos do quarto, ao mesmo tempo que solta frases entrecortadas por soluços, como «*ai minha companha!*» e outras cheias de sentimento e de pesar.

Emquanto isto se passa, uma vizinha que está presente prepara-se para ler a oração das doze palavras, a qual transcrevo a seguir:

#### ORAÇÃO DAS DOZE PALAVRAS

Cristóvam, amigo meu, Cristóvam sim, meu amigo não; diz-me as doze palavras ditas e tornadas. Direi, direi, que eu bem as sei.

1.º — É a casa Santa de Jerusalém, onde Nosso Senhor Jesus Cristo morreu por nós. Amen.

Cristóvam, amigo meu, Cristóvam sim, meu amigo não; diz-me as doze palavras ditas e tornadas. Direi, direi, que eu bem as sei.

2.º — São as duas taboinhas de Moisés, onde Cristo põe os seus divinos pés.

Cristóvam, amigo meu, etc. (Repete-se antes de cada uma das frases, que são doze, esta espécie de invocação preliminar).

3.º — São as três pessoas da Santíssima Trindade.

Cristóvam, amigo meu, etc.

4.º — São os quatro cirios bentos.

Cristóvam, amigo meu, etc.

5.º — São as cinco chagas.

Cristóvam, amigo meu, etc.

6.º — São os seis Evangelistas.

Cristóvam, amigo meu, etc.

7.º — São os sete sacramentos.

Cristóvam, amigo meu, etc.

8.º — São os oito coros de anjos.

Cristóvam, amigo meu, etc.

9.º — São os nove meses que Nossa Senhora andou *pretha*.

Cristóvam, amigo meu, etc.

10.º — São os dez mandamentos.

Cristóvam, amigo meu, etc.

11.º — São as onze mil virgens.

Cristóvam, amigo meu, etc.

12.º — Doze raios leva o sol, doze raios leva a lua.

Volta a dizer tôda esta oração, do fim para o princípio:

Cristóvam, amigo meu, etc.

12.º — Doze raios leva o sol, doze raios leva a lua.

Cristóvam, amigo meu, etc.

11.º — São as onze mil viagens.

E assim é repetida a oração às avessas, até se voltar ao princípio. Chegada a êste ponto, a mulherzinha, que acabou de dizer a oração, começa aos pulos, fazendo cruces com a mão direita na palma da mão esquerda, ao mesmo tempo que recita a quadra seguinte:

Doze raios leva o sol,  
Doze raios leva a lua;  
Arrebenta-te daí diabo,  
Que essa alma não é tua.

Terminada esta oração, começam a vestir o morto e a arranjar o que nós chamaríamos câmara ardente e a que êles chamam *sobre-céu*. Vestem sempre o morto com o que êle tem de melhor. No caso que descrevo, ia o morto com o melhor fato que tinha, botas pretas, camisa muito alva e meotes vermelhos.

O morto é depois metido dentro dum caixão (se assim se lhe pode chamar) rectangular, muito tôsko, feito de quatro táboas mal aparelhadas.

Em seguida, o caixão é colocado em cima duma caixa de pinho, onde costumam guardar as roupas, e começa-se a fazer o *sobrecéu*.

Colocam-se bem amarradas duas cordas, dois metros acima do caixão, depois prendem-se a estas cordas colchas e lençóis, dos melhores, não só de casa como dos visinhos, que são os primeiros a oferecerem o que tem de melhor em casa. Estes lençóis ou colchas ficam pendentes dos lados do caixão; na cabeceira colocam um lençol de linho muito alvo, pregado na parede e, em seguida, entre as duas cordas e por cima do caixão, colocam uma colcha também branca.

Após isto, pregam com alfinetes no pano do fundo, isto é, da cabeceira, uma cruz feita com um lenço preto, e assim fica concluído o *sobrecéu*.

Passado um bocado, era já escuro, tôda a gente da quinta se apresenta em casa da viuva e rezam a coroa em conjunto; cada um dos visitantes traz uma ou duas candeias que prende depois de acender, quer em qualquer saliência da parede, quer nas beiras do caixão, e assim fica o cadáver iluminado tôda a noite por grande quantidade de luzes.

Durante a noite ficam várias pessoas a velar junto do morto.

De manhã chega o padre; o cadáver é levado para a capela, indo tôda a gente da localidade incorporar-se no cortejo fúnebre.

À saída do cadáver a viuva corta três pedaços de pão, iguais, e dá-os às três primeiras pessoas que encontrar na sua frente, mas sem escolher, e à medida que vai dando os bocados de pão, diz: «Toma pão enquanto esta alma passa o rio Jordão».

Aquele a quem coube o pedaço tem de o comer em seguida, até à última migalha.

Uma vez na capela, celebra-se a missa de corpo presente, (em todos os funerais do lugar há missa de corpo presente) a que assiste a viuva; no fim da missa são rezados os responsos.

Acabada esta cerimónia religiosa, segue o cadáver para o cemitério acompanhado pela viuva que vai logo atrás do caixão com as mãos postas, os olhos no chão, e um chale negro pela cabeça.

Começa agora outra parte muito curiosa dos ritos fúnebres, a qual consiste no seguinte: no percurso para o cemitério tôdas as famílias que moram nesse caminho, tem à porta uma cadeira com um pano branco em cima, onde colocam dinheiro, 20, 30 e 50 centavos, e às vezes mais, conforme o grau de amizade que se tiver ao morto. Quanto maior fôr a amizade, maior é o número de responsos rezados, pois que o dinheiro ali colocado é para êsse fim. Disseram-me que cada responso rezado custava 3 centavos, e cantado 5 centavos.

A distância da casa do morto ao cemitério não era, no caso referido, superior a 100 metros: pois o entêrro levou quási meia hora a chegar lá, em virtude dos responsos lidos e cantados pelo caminho, junto das cadeiras.

O colocar dinheiro na cadeira à passagem do enterro, é uma dívida que fica; pois no caso de o dono da casa ou pessoa de família que pôs, suponhamos, 50 centavos, morrer, os parentes do morto que ia seguindo para a última morada, devem pôr a mesma quantia em cima duma cadeira.

O cortejo fúnebre chegou porfim ao cemitério; ali a viuva

puxou duma corda que levava no bôlso, pediu que a partissem em três bocados iguais, e mandou amarrar um a meio, outro aos pés e outro à cabeceira do caixão. Procurei saber qual a significação daquele rito e não o consegui.

É preciso que se diga também que o caixão não tinha tampa.

Mas não ficam por aqui os ritos usados pelos habitantes de S. Pedro.

Após o entêrro, há ainda *três domingos oferendários*, que são os três primeiros domingos.

Nestes *domingos*, passa-se o seguinte: Os amigos do finado, a viuva com várias amigas e as pessoas da família do morto juntam-se em Meirinhos, em casa duma pessoa amiga, e o padre, antes de dizer a missa, vai de batina buscá-los a casa, para a igreja. Durante a missa, a viuva está sempre de joelhos, e tem diante de si um grande pano preto, com uma toalha branca no meio; dos lados do pano preto, estão dois castiçais com velas acesas. Enquanto se está à missa, cada um vai deitando no pano, que está diante da viuva, vinte, trinta centavos, etc. Na frente do mesmo pano está a caldeira da água benta, em que o hissopo é substituído por um raminho de oliveira; cada pessoa que deita dinheiro tira o ramo de oliveira e esparge água benta no pano.

No fim da missa, o sacristão vê o dinheiro que há, conta-o ao padre, e pelo dinheiro que houver assim o sacerdote canta e reza mais ou menos resposos.

Os amigos e visinhos vão fazer os domingos oferendários de capas de burel ou de *capotes à cavalaria*, (como chamam aos *capotes à alentejana*), isto em sinal de luto.

Estes *capotes* são usados como luto, mesmo no rigor do verão, que na região é extremamente quente e abafadiço.

### Religião e superstições

Os transmontanos de S. Pedro são extremamente crentes, muito religiosos, e entram no campo da superstição, acreditando em bruxarias, feitiços e maus olhados.

Pelo capítulo dos ritos fúnebres já se pode ajuizar um pouco destes exagêros.

O caso que segue, elucidará um pouco mais sôbre o assunto, e foi-me contado pelo indivíduo com quem se passou, e confirmado por outros que estavam presentes.

Um homenzinho da povoação, o próprio que me narrou o facto, teve um sonho durante o qual alguém lhe dissera que no Barranco (sítio próximo da povoação), se encontrava soterrada uma capela, e no altar desta um bezerro de ouro macisso. Mesmo depois de acordado, afirmava, ouvira dizer: «Vai lá, e arranca para ti êsse tesouro; mas tem cuidado, não digas nada a ninguém».

Sem um momento de dúvida nem hesitação, para lá se dirigiu algumas noites, trabalhando com afan na abertura dum grande buraco, no fundo do qual esperava a cada momento sentir debaixo da ponteaguda enxada a almejada capela que avaramente guardava tão grande tesouro.

Como, porém, essas saídas nocturnas não passassem despercebidas a um vizinho, o bom velhote, côm scio da veracidade absoluta da ordem confidencial que ouvira após o sonho maravilhoso, foi uma noite surpreendido por aquele, quando banhado em suor prosseguia com ardor na tarefa a que se votara de alma e coração. Em presença da inesperada aparição do vizinho, o pobre velho, perplexo e atônito, revelou o segredo, perdendo o tesouro; pois com a revelação deste a uma só pessoa que fôsse, o direito à posse desapareceria. Ainda na ocasião em que m'o contava, o

velhote estava convencido de que teria encontrado o tesouro, caso tivesse guardado sêgrêdo.

Quando uma criança é muito miúdinha, fraca e doente, chamam-lhe *engorada* (enfeitiçada) e para a curar é necessário quebrar o feitiço, operando do seguinte modo: juntam-se três mulheres, com o nome de Maria; se a mãe fôr Maria, também aparece, mas só neste caso. Dirigem-se a uma olmêda, procuram um olmo com dois ou três metros de altura, cujo caule se bifurque superiormente em dois ramos; munidas duma navalha, racham o caule entre os dois ramos e, puxando em seguida por estes, abrem uma fenda num comprimento de cinquenta a sessenta centímetros, e conservam-n'a aberta com auxílio duma cunha. Com as duas vergõteas superiores dão um nó, formando como que um arco. Depois cada uma das três Marias passa três vezes a criança pelo intervalo da fenda, dizendo ao mesmo tempo os seguintes versos:

Toma lá Maria,  
Dá p'ra cá, João;  
Êste menino doente,  
Dá-o p'ra cá são.

Em seguida, as duas partes do tronco são unidas e ligadas com auxílio dum fio qualquer. Se o olmo vem a soldar as duas partes que foram separadas, e reverdece, a criança melhora dentro em breve; se o olmo seca, a criança morre.

Um pai tinha uma filha que, ciosa dos seus carinhos e meiguices, mal que era chegado a casa, logo lhe saltava para os joelhos, tôda risonha e satisfeita. Em dada altura, a rapariguinha mudou de atitude: mal via o pai, começava a gritar e a fugir-lhe.

Êste imediatamente atribuiu aquela mudança brusca a feitiço, que alguém por inveja ou maldade tinha feito à pequenita, por ela

lhe querer muito. Em vista disso resolveu tirar um *escrito* e contou ao padre tudo o que se havia passado com a filha. Êste não lh'o pôde tirar na ocasião e disse-lhe que o fôsse buscar ao outro dia, mesmo que era preciso dizer missa sôbre êle. Contudo, se pudesse, ainda o tiraria naquela tarde. De facto, o padre, passadas umas horas, tirou o escrito. E o pobre pai que, enquanto se dirigia para a *quinta*,<sup>(1)</sup> magicava tristemente sôbre o caso, teve ao chegar a casa grande alegria, pois a filhita que há uns dias lhe fugia, veio a correr ao seu encontro, rindo-se e agarrando-se-lhe às pernas...

Num lagar de azeite, à vara do moinho, andava a puxar uma mula. De manhã cedo, entrou no lagar uma mulher da povoação e pediu uma cesta de bagaço para acender o lume. Como lh'o não dessem, a mulher retirou-se.

Mal esta safu, a mula deixou de puxar, e, por mais pancada que lhe dessem, não se mexia. Chegou o dono do lagar, a quem os lagareiros puzeram ao facto do que se passava.

Êste, mal ouviu o arrazoado dos seus criados, imediatamente mandou uma mulher tirar um escrito a Castelo Branco e recomendou à mesma que, mal o padre lh'o *passasse*, lhe perguntasse as horas.

Os individuos que me contaram o caso, afirmaram-me que coincidiu a hora em que a mula começou a puxar com a hora em que o padre tirou o escrito, e tão convencidos estavam disto que porcerto o jurariam se necessário fôsse.

Casos há em que é preciso tirar escritos em cruz, isto é, tirar quatro escritos, um em cada terra, de modo que se possam

(1) Como já atrás disse, a povoação de S. Pedro é mais conhecida por Quinta de S. Pedro, e os naturais nas suas conversas, quando a ela se referem, designam-na simplesmente por Quinta.

ligar essas terras com linhas imaginárias, duas a duas, formando essas linhas uma cruz.

Há escritos só para uma pessoa, para uma família, ou para a casa tôda, como êles dizem, e para animais. O escrito é, como disse, passado pelo padre e manuscrito em latim, e tem por fim afastar os malefícios do corpo e da alma.

Eis um exemplo interessante de feitiçaria:

Um lavrador da povoação tinha um boi doente, com os sintomas seguintes: tristeza acentuada; falta de apetite; quando deitado, enterrava a cabeça na palha da cama, e quando de pé, deixava pender a cabeça, metendo-a entre as patas dianteiras.

Como a doença não era conhecida pelo ferrador que foi mandado vir, logo *amentaram* a idea de que era feitiço, e o tratamento foi prescrito, consistindo em cinco *defumos*, um por dia, da maneira que vou descrever:

Num recipiente de lata ou de barro deitaram cisco duma encruzilhada, varrido em cruz, três pedrinhas de sal, ramo bento, rosmaninho, buxo bento e chifre dito de veado, mas que era afinal de carneiro:

Depois de acenderem esta mistura, defumaram o boi em cruz, debaixo do focinho e do corpo. A cinza era depois deitada em água corrente, mas de modo que ninguém visse, tendo o cuidado de, no percurso para o ribeiro, tapar bem com um chale o recipiente que serviu para fazer o defumo. O que é certo, é que o boi melhorou após êste tratamento.

O exemplo precedente refere-se a um animal. Para pessoas, fazem uma coisa semelhante mas com algumas variantes curiosas, como vamos vêr.

Colhe-se um raminho de erva de três termos; esta erva pode ser estêva (*Cistus ladaniferus*, Lin.), arçã (*Lavandula stoeches*, Lin.) ou *chalgarço* (*Cistus salvifolius*, Lin.).

Suponhamos que foi a arçã a preferida. Colhe-se um ramo desta em S. Pedro, outro, por exemplo, no *termo* de Meirinhos e outro no de Valverde. Varre-se em cruz o cisco duma encruzilhada, e dêste apenas se apanha a quantidade que ficar debaixo do *só* (fundo) duma malga. Adiciona-se ramo bento e três pedrinhas de sal, e nada mais é necessário; está pronto o defumo e resta apenas chegar-lhe lume. Préviamente, porém, uma pessoa da família (sempre mulher) com uma mão cheia de sal, vai andar em volta da capela deixando cair uma pedrinha dêste a cada passo que dá. Depois acende-se a mistura acima descrita e coloca-se-lhe o suposto chifre de veado.

Com êste defumadouro *afuma-se* primeiro a pessoa que o vai dar, em seguida *afuma-se* em cruz o quarto do doente, e por último é *afumado* êste. Para se obter o resultado desejado é necessário ser tudo feito no máximo segrêdo.

O que fica por arder, deita-se no lume da cozinha e aí se reduz a cinzas, excepto o chifre que é tirado no fim dos defumos.

Êste chifre é pertença duma mulherzinha da povoação que o empresta, mesmo até para povoações visinhas.

### Medicina popular

A medicina local anda ligada às superstições descritas.

Dado o isolamento em que se encontra a povoação, e a grande distância a que fica de Mogadouro (cêrca de duas léguas), vila onde mais perto se encontra médico, os transmontanos de S. Pedro vêem-se na necessidade de, muitas vezes, serem médicos de si próprios.

Apenas consegui saber a maneira como tratam o paludismo e as inflamações dos olhos.

## CURA DAS MALEITAS

O doente, na ocasião de as *tremar* (como lá dizem) ou *do dar do frio*, sai sósinho, sem que ninguém desconfie, e leva consigo um guardanapo novo, uma fatia de pão e um púcaro de barro, cheio de água, que também nunca tivesse servido.

Dirige-se com estas três coisas a uma encosta e procura uma fraga coberta de liquens (musgos, como lhe chamam); conforme é de manhã, de tarde ou de noite, assim dá à fraga os bons dias, as boas tardes ou as boas noites. Em seguida, estende o guardanapo sobre a fraga, coloca em cima dêste o pão e a água e, feito isto, diz os seguintes versos:

At te fica fraga  
 Água p'ra beber  
 Pão p'ra comer  
 E maleitas p'ra tremar.

Mal acaba de proferir estas palavras, deita logo a fugir, e recolhe a casa por caminho diferente daquele que levou antes.

Nem o doente, nem ninguém, vai buscar o guardanapo e o púcaro, sob pena de a criatura que os trouxer, ficar logo com as maleitas.

## INFLAMAÇÃO DOS OLHOS

Se os olhos estão vermelhos, inflamados, e com pus, curam esta inflamação deitando-lhe umas cinco ou seis sementinhas de gala crista (*Salvia verbenaca*, Lin.).

Estas sementinhas saem por si só ao fim de algum tempo, às vezes dois e três dias, e só quando estiverem carregadas de *sugidade*. Chegam por vezes a sair do tamanho dum grão de chumbo de caça, n.º 3, quando as sementinhas poderão ter o tamanho dum grão de chumbo n.º 10.

Afirmam que não incomoda nada nos olhos, que é muito *amorsinho* (macio).

Disseram-me mais: que quando se mete nos olhos um *maravallinho*, deitando ao canto do olho uma sementinha, esta logo o deita fora.

## Organização da família

No seio da família, a autoridade suprema está encarnada no pai, e é sempre com respeito e timidez que os filhos lhe ouvem as admoestações.

Pelo que diz respeito ao poder maternal, êste já é menos temido, e não é raro desobedecerem-lhe, e responderem com maus modos às repreensões das mães.

Como digo no capítulo sobre infância, na povoação não há escola alguma, onde as crianças passem os dias instruindo-se e educando-se.

É freqüente os pais darem um recado a um filho, e êste, saindo para o cumprir, se encontra os outros na brincadeira, juntar-se com êles, deixando de dar cumprimento à ordem recebida.

Os pais, nesta altura, ameaçam-n'os com pancada; então os garôtos tratam de se esquivar, refugiando-se numa casa vizinha, e só entram em sua casa passado tempo, quando os ânimos paternos estejam mais serenos; isto, porém, não obsta que muitas vezes na chegada seja cumprida a promessa...

Não pude averiguar se na vida íntima da família a mulher desempenha um papel preponderante nas decisões do marido. Creio, porém, que sim.

### Regimen de propriedade

Os transmontanos de S. Pedro são cultivadores trabalhadores.

Trabalham geralmente no que é seu, porém isto não obsta a que em determinadas ocasiões vão ganhar a *geira* (como chamam ao jornal) para casa daqueles que os *rogam* para seus trabalhadores.

É curiosa uma prova de reconhecimento da parte dos trabalhadores para aqueles a cargo de quem trabalham: consiste em oferecer na ocasião do pagamento um ou dois dias de graça ao proprietário.

### Vocabulário

São muitas e curiosas as palavras de cunho próprio e regional que usam os naturais de S. Pedro. Vou procurar reunir algumas de que tive conhecimento, no diálogo que segue:

— Então, tio F., como se passa?

— *Mui-malo*, meu senhor; a *alazia* não me deixa. Eu *andêve* ontem a trabalhar ao pé do rio; fazia *calma*, bebi água e parece que foi disso que estou *encaxeirado*. Por causa da constipação já puz a *bufanda*, mas logo que anoiteça *vou-me à cama* a vêr se fico melhor.

— Bem, isso não há de ser nada. E o S.?

— Ésse está bem peor do que eu. Ainda há dias *ei* se ria de mim, mas agora é que *lhe chegou o leite às tétas*. *Causa grina* vê-lo; já *levou a botica* duas vezes e continua *enfibrado*.

— Com que então êle está mal?

— Se está! *ei fintava-se* que havia de ter sempre saúde, e

agora aí *está de cangalhas*. Ainda outro dia estávamos num *juntoiro* à porta do *sóto* do M. L. e *ei* ainda disse: Lá a minha tem andado *encaxeirada* com a moléstia de que *se deixou morrer* Fulana mas eu é que estou sempre *fero*.

— Bem, deixemo-nos de coisas tristes, e falemos de coisas mais alegres.

— Então se quer vir comigo ao pôço do Gralheiro, venha que eu vou lá *adrêde olhar o côbo*.

— Vamos lá. Mas diga-me, há muito peixe?

— Havia, mas *andiveram* lá aos tiros e *eis desamoraram*.

— Mas daqui a alguns dias tornam a vir?

— *Pludora* não, mas eu *empecei* a *sebar* o pôço e *eis* tornam *à certa*.

— Pode ser que não venham.

— *Não mas sim* veem, porque já outro dia se *escossiram* e *eis* tornaram a vir.

Fomos caminhando em direcção ao rio, e foi o tio F. que rompeu o silêncio, dizendo-me:

— *Ai calma* faz. O que vale é estarmos já *pertelinho*.

— Sim, já estamos perto do rio, e não vejo o sítio onde está o côbo nem o vejo tão pouco.

— Ora *sêgua* com a vista pelo rio abaixo até aquela casca-lheira, mas abaixo *ó sítio* daquele zimbros, é acolá que êle está.

— Sim, mas afinal não o vejo.

— *Bô! Bô!* Então queria vêr daqui para debaixo de água. Olhe que daqui lá não é tão *pertelinho* como parece.

Depois duns momentos de silêncio, eu que me tinha afastado um pouco, ouço o tio F. dizer-me:

— Oh senhor! não *sêga* por aí que o senhor *fite-se*; aí são só fragas e pode *esforregar*, venha por aqui.

— Venha por aqui V., que por aqui é mais perto.

— *Bô! Bô!* Não que por aí não se pode ir.

Depois que nos juntamos, lá seguimos encosta abaixo até que a certa altura e num dos pontos íngremes do caminho, ou antes do carreirão, diz o tio F. a rir:

— Sabe quem eu aqui queria vêr? Era a tia Fulana das mulas <sup>(1)</sup>.

— Coitada da velhota, é que se veria aflita.

— Á certa que havia de ter patarata.

Fomos caminhando até ao rio, e após alguns momentos de descanso, diz-me o tio F. todo entusiasmado:

— Eh! *catanchas*, que grande peixe ali vai!

— Aonde?

— Ali *carache*, *pertelinho* do côbo; não vê os outros *empeçar* a *escossir*.

— Ah! já o vejo; que grande que êle é!

— Já estava a *pensir* como é que o havia de levar se *ei* me caísse no côbo. Eh! *carache*, é que seria cantar por essa *ladeira* acima com *ei colgado* num pau. Assim que chegasse à quinta é que me *daria a risa* quando passasse à porta de F. *Eis fintam-se* que só *eis* é que agarram peixe, mas não porque *inda* hontem agarrei cinco *arrates deis*.

Vimos em seguida o côbo, que nada tinha a não ser um pequeno cágado. Deitamos de novo o côbo ao rio, e em seguida voltamos para a povoação. Ao chegarmos a uma mata de carvalhos e que é atravessada pelo caminho, vejo o tio F. a olhar para o chão, como quem procura alguma coisa.

— Então que está a fazer?

— Anão *em préguntá* dumas *bulhacras* para a minha neta brincar, a vêr se não fica tão *chorôna* como hontem à noite.

Fomos andando, e de novo interrompemos a marcha, porque me disse o tio F.:

(1) Mulêtas.

— Vê acolá no *cima* da *ladeira* aquele homem com a *cala-gouça* às costas e a *fardéla* na mão, é o tio J. P.

— Hontem em casa *dei* houve lá grande *planto* por causa do filho mais velho estar a fazer *côsquinhas* ao mais novo e depois deixá-lo cair ao chão. *Aqueis* rapazes andam sempre às bulhas. Ainda outro dia estavam *eis* a *comer à rancha* lá em baixo às olgas, logo se bateram e o mais novo rasgou a camisa ao mais velho que estava *aforrado*.

— Isso não admira, rapazes são sempre traquinas.

— E olhe que isso é bem certo. Também quando foi do *mata-dêlo* entraram em casa do tio S. sem *ei* vêr e tiraram-lhe cada um sua *colgada*.

Estavamos chegados à povoação quando nisto se aproxima uma rapariguita que se dirigiu ao tio F. nestes termos:

— Diz o meu pai que *vaia* lá.

— Em passando um bocadinho lá vou ter, em antes vou-me à casa.

Em seguida despedi-me do velhote e lá fui até casa.

Lista e significação dalguns dos vocábulos mais freqüentemente empregados pelos habitantes da povoação:

* andêve. . . . .	andei
* andivêram. . . . .	andaram
sêga . . . . .	sigá
* pertelinho . . . . .	pertinho
* encaxeirado . . . . .	adoentado, doente
* enfebrado . . . . .	com febre
côscas . . . . .	cócegas
côsquinhas . . . . .	coceguinhas
* bulhacra . . . . .	bugalho
* bulhacrinha . . . . .	pequeno bugalho
* catancha . . . . .	exclamação muito usual

* carache . . . . .	julgo ser correspondente ao carago hespanhol
* alazia . . . . .	azia
malo . . . . .	mal
fintar . . . . .	crêr, acreditar
sóto . . . . .	estabelecimento, loja
colgada . . . . .	pendurada
" . . . . .	cacho de uvas ou fructa que costumam pendurar no tecto para conservar e comer mais tarde
pitas . . . . .	nome com que designam as galinhas
* Rumiro . . . . .	Ramiro
* Cal Róca . . . . .	Carlos Róca
* Calros . . . . .	Carlos
adrêde . . . . .	de propósito
fire . . . . .	fêre
* fardela . . . . .	pequeno saco de pano, (onde geralmente levam a merenda)
talho . . . . .	pequeno banco de cortiça
aforrado . . . . .	em mangas de camisa
mulas . . . . .	mulêtas
calma . . . . .	calor
empeçar . . . . .	começar, principiar
* pensar . . . . .	pensar
* planto . . . . .	pranto
* piruco . . . . .	puxo (penteado das mulheres)
* pludora . . . . .	por ora, por enquanto
calagouça . . . . .	fouce encabada
atroar . . . . .	trovejar
* relistos . . . . .	relâmpagos
* escossir . . . . .	escapar, fugir
* esforregar . . . . .	escorregar
tanha . . . . .	talha de lagar de azeite
escôva . . . . .	vassoura (de giesta)
* eis . . . . .	êles
* ei . . . . .	êle
* daqueles . . . . .	daqueles
* bufanda . . . . .	cachecole, manta

* peis . . . . .	peles
ferros . . . . .	é empregado em duas acessões: uma designa as ratoeiras de agarrar os coelhos, rapozas, etc.; outra designa a alquitarra, espécie de alambique utilizado para a destilação.
labrêsto . . . . .	trave da língua
o só duma agulha . . . . .	o buraco da agulha
o só duma malga . . . . .	o fundo da malga
* oriveiros . . . . .	ourives
ó rôjo . . . . .	de rasto
ósquias . . . . .	rôscas dum fuso
* grainçada . . . . .	chuva forte de granizo
cachóla . . . . .	moela duma galinha ou qualquer outra ave
* ingarrar . . . . .	agarrar
ala . . . . .	asa
qualquera . . . . .	qualquer
* recebiste . . . . .	recebeste
* comiste . . . . .	comeste
* arrebentiste . . . . .	arrebentaste
* tardêga . . . . .	tardia
dar a risa . . . . .	dar vontade de rir
amentar . . . . .	lembrar
causa grima . . . . .	mete pena, faz dó
matadêlo . . . . .	dia em que todos matam o porco (dia de matança)
à certa . . . . .	com certeza
não mas sim . . . . .	sim
comer à rancha . . . . .	comer do mesmo prato
juntoiro . . . . .	ajuntamento
* em prégunta . . . . .	à procura
* escrapêla do olho . . . . .	pálpebra
vaia lá . . . . .	vá lá
* imrigada . . . . .	romã
agora é que te chegou o leite às tétas . . . . .	empregam esta frase quando vêm allita uma criatura que, devido à sua despreocupação, originou tal aflicção

* atolica . . . . .	atrapalhada
* pouquenino . . . . .	pequenino
em mentes . . . . .	emquanto
delingar . . . . .	dependurar
* bilhó . . . . .	castanha assada depois de descascada
geira . . . . .	salário ou diária dos trabalhadores do campo
* corriça . . . . .	espécie de choupana que serve de abrigo aos rebanhos de cabras
cardenho . . . . .	espécie de choupana ou qualquer grande compartimento e que serve de casa de malta aos trabalhadores
deixou-se morrer . . . . .	morreu
levar a botica . . . . .	tomar remédio
foi-se à cama . . . . .	deitou-se
* escrapéla . . . . .	pálpebra
linta . . . . .	contribuição
badil . . . . .	pequena pá para tirar a cinza da lareira

\* Este sinal mostra os termos que não encontrei no «Vocabulário ortográfico e remissivo da língua portuguesa», de Gonçalves Viana.

Seguem-se algumas frases que não pude introduzir no diálogo e, por as achar curiosas, não quis deixar de transcrever:

Regara-las não as deixareis acabar.

*Carambe* na mulher a força que tem.

Fulano vem como um dez — (bebado como um carro).

Fulano tem uma *nacida* na *escrapéla* do olho direito.

— Quantos anos tens?

— E eu que sei meu senhor.

### Folk-lore transmontano

(ALGUMAS TROVAS POPULARES DE S. PEDRO)

Carviçais não é minha terra,  
Se eu quiser minha será;  
Se eu nela tomar amores  
Minha terra ficará.

Oh minha mãe eu queria  
Eu quero  
Lá no seu peitinho  
Formar um castelo.

Lagoaça, oh Lagoaça,  
Quem te poz o nome errou,  
Tu és o jardim das flôres  
Eu já de cá me não vou.

Oh minha mãe eu queria  
Eu quero  
Ir ao marmeleiro  
*Escolher* um marmelo.

Castelo Branco é vila,  
Mogadouro é cidade,  
S. Pedro é barquinho d'ouro  
Onde embarca a mocidade.

Puz o pé na laranjeira,  
Ai! fiz tremer o laranjal.  
Passarinho repenica o canto  
Vai cantar ao meu quintal.

Lá te mandei um raminho  
Com três ginjas garrafaes,  
A do meio vai dizendo  
A gingeira não dá mais.

Vai cantar ao meu quintal,  
Ai! vai cantar à minha janela,  
Passarinho repenica o canto  
Já lá vem a primavera.

Lá te mandei um raminho  
Com três *murinhas* que é luto;  
A do meio vai dizendo  
Meu amor quero-te muito.

Lá te mandei um raminho  
De cravos e *cravolinas*,  
Só por não te poder mandar  
Dos meus olhos as meninas.

Lá te mandei uma carta  
Sem nenhuma letra dentro;  
Inda t'hei de fazer dar  
Voltinhas ao pensamento.

Não m'as podias mandar  
Ou isso é de impostura  
Ou modinho de falar.

Desejava de te encontrar  
 Numa rua sem saída,  
 Que te queria *precurar*.  
 Que te importa a minha vida?

Algum dia por te ver  
 Eu ia de noite à fonte.  
 Agora péço a Deus  
 Que nem de dia te encontre.

Algum dia por te ver  
 Saltava trinta quintaes  
 Agora *por te* não ver  
 Salto trinta e *inda* mais.

Fui à fonte beber agua  
 Passar por baixo da murta.  
 Nem a bebi nem a dei  
 A sede não era muita.

O meu amor foi-se e disse  
 Que eu por êle não chorasse,  
 Que não lhe desse mais penas,  
 Que o não mortificasse.

No ceu anda uma estrela,  
 Todos dizem bem a vi,  
 Todos falam e murmuram  
 Ninguem olha para si.

Esta rua tem pedrinhas,  
 A outra pedrinhas tem,  
 Das pedras não quero nada,  
 Da rua quero alguém.

Tu és meiga mas soberba,  
 Devias ser castigada,  
 Não amas a quem te ama  
 Mas amas sem ser amada.

Aqui vem um rapaz  
 Na forma do seu costume;  
 Traz os joelhos esturrados  
 De assar batatas *ô* lume.

Fui à fonte buscar agua  
 Na casca da *belancia*  
 Nem a *bubi* nem a trouxe  
 Nem falei com quem eu queria.

Tenho geribó  
 Quisado com batatas:  
 Elas são tão boas,  
 São tão boas e baratas.

Ai! Ai! que eu morro  
 Só é por dansar  
 Não é por ninguem  
 Só é por meu par.

Encontrei uma carteira  
 Que estava no chão perdida,  
 Arreei e apanhei-a.  
 Estou presa, vou p'ra cadeia;  
 Que será da minha vida?

Encontrei uma carteira  
 Dum garotinho de aldeia;  
 Se a não roubo passo fome,  
 Se a roubo vou p'ra cadeia.

Lá *cima* *ô* castelo  
 Se vende a aguardente,  
*Dê reis* cada copo,  
 É p'ra toda a gente.

Lá *cima* *ô* castelo  
 Se vende o licor,  
*Dê reis* cada copo  
 Só é p'ró meu amor.

Oh! que chapéu tão pequeno!  
 Andais à moda do Porto.  
 Oh! que chapéu tão pequeno  
 Para tão grande garoto.

Quatro coisas quer o amo  
*Ô* creado que o serve.  
 Deitar tarde e erguer cedo,  
 Comer pouco, andar alegre.

Não chores amor, não chores,  
 Que o chorar *arrama* a vista.  
*Im* m'eu indo desta terra  
 Num faltará quem t'assista.

*Im* meu indo desta terra  
 Como de facto m'irei,  
 Como te direi adeus,  
 Como adeus te direi.

Tendes olhos de matar  
*Sobreclhas* de ferir.  
 Tendes a *côr demudada*  
 Isso é de não dormir.

Com pena peguei na pena  
 Com pena tracei um S  
 Co'a pena mandei dizer  
 Ao meu amôr que viesse.

Vai carta onde t'eu mando  
 Que lindos olhos vais ver  
 Carta põe-te de joelhos  
 Quando te estiverem a lêr.

As cantigas que tu sabes  
 Meto-as eu num agulheiro;  
 Eu fui buscar o teu pae  
 Pelos cornos ao lameiro.

Oliveira *póquechinha*  
 Que só dá uma azeitona!  
 Tu inda falas commigo,  
 Carã de pouca vergonha.

Se os puros beijos espigassem  
 Como espiga o alecrim,  
 As faces do meu amor  
 Pareciam mesmo um jardim.

Passei pelo verde prado,  
 Puz o pé no verde outôno;  
 Eu acho que é parvoice  
 Amar a quem tem dôno.

Já *estêve* na tua cama  
 Meio morto meio vivo,  
 Amortalhado de ais,  
 Dêste mundo despedido.

Oh! minha pombinha branca,  
Quando ha-de ser a hora  
Que has-de dar um *ruto*  
Desse pombal p'ra fóra?

Passarinho do pé prêto,  
Deixa a baga do loureiro,  
Deixa dormir a menina  
Que está no sôno primeiro.

Caçador que vai à caça,  
Num é p'ra caçar a lebre,  
É p'ra caçar a menina  
Que anda na serra da neve.

Poste falar com meu pae  
À parede do lameiro,  
Se querias casar comigo  
Falaras-me a mim primeiro.

No alto daquela serra  
Está uma rolinha a arrolar,  
C'o biquinho cheio de merda  
P'ra quem me manda cantar.

O jasmim caiu do ceu,  
Espalhou-se pelas aradas,  
Oh! quantas môças se perdem  
Por não serem *prêcoradas*.

Aninhas, saia à varanda  
Já que janela não tem.  
Venha vêr se o seu amôr  
É algum dos que aqui vem.

Rapazes em m'eu morrendo  
Quem me ha-de levar à cova?  
Quatro mocinhas solteiras,  
Qu'eu sou rapariga nova.

Minha mãe deitou-me à rua,  
Meu pae chamou-me à janela,  
Anda cá ó rosa branca  
Colhida na primavera.

Estava eu para embarcar  
C'um pé dentro e outra fóra  
Lembraram-me os meus amores  
Já não embarco agora.

Lá te mandei um raminho  
Das flôres que eu apanhei,  
Inda vai orvalhadinho  
Das lagrimas qu'*arramei*.

Lá te mandei um raminho  
Atado com linho crú;  
Os abraços dou-t'os eu  
E os beijinhos dás-m'os tu.

Vinha eu pela rua abaixo  
Estavas tu na janela,  
Tinhas olhinhos de amor,  
*Sobrecellhas* de cadéla.

A *margassa* e a má herva  
Picaram-me nesta mão,  
Tambem às mulheres *le pica*  
Maldade no coração.

Tendes olhos côr da noite  
E a face côr do dia,  
Os labios côr de laranja  
Cheios de galhardia.

Oh! rio que vais tão turvo,  
Que levas cal e areia,  
Leva-me lá esta carta  
Ao meu amor que a leia.

Oh! rio que assim vais turvo,  
Para quem levas as queixas?  
Quem has-de levar não levas,  
Quem has-de deixar não deixas.

Oh! rio que assim vais turvo,  
Quando has-de aclarar?  
Quando o trovisco for dôce  
E o moscatel amargar.

Nesta rua não ha môças  
Que as queimou a geada  
Mas porventura ficou  
Uma na minha cama deitada.

Menina que está lá dentro  
Deite cabelos à rua.  
*Im* m'eu indo desta terra  
Quero levar prenda sua.

Os meus olhos são dois prêtos  
Que me vieram *Dingola*  
Inda num fôram *cautivos*  
Vão-se *cautivar* agora.

Menina que está lá dentro  
Comendo mais pão e queijo,  
Faça da bôca pistola  
Atire-me cá um beijo.

Não te encostes à parreira  
Que ela está feita em pó,  
Encosta-te ao meu peitinho  
Estou solteira, durmo só.

Estou à sombra da parreira  
Nem à sombra nem ao sol  
Defronte do meu amôr  
Não ha regalo melhor.

## SOLDADINHO DA GUERRA

Que tens, oh soldadinho,  
Que andas tão triste na guerra?  
Ou te lembra pae ou mãe  
Ou gente da tua terra?  
Se te lembra a tua amada,  
Prepara-te e vai a vê-la;  
Ao cabo de nove meses  
Soldado, volta p'rá guerra!

Anda, anda, meu cavalo,  
 Não te pares já aqui  
 Vou a vêr a minha amada  
 Já ha dias que a não vi.  
 —Tua amada já está morta.  
 Se não te *fiintas* em mim  
 Senhas t'eu trago aqui  
 A saia era de gala,  
 Os sapatos de marfim,  
 E os cintos que a apertavam  
 Eram d'oiro e marfim,  
 E os padres que a acompanhavam,  
 Eram tantos, não tinham fim.

Uma mulher envenenou o homem. O povo canta as quadras que seguem:

Josefa e Beatriz  
 Foram ambas às vassouras,  
 Não acharam que trazer,  
 Trouxeram as vacas louras.

Senhora Joséfina  
 Não lhe doia o coração  
 De envenenar o seu homem  
 C'um bocadinho de pão.

Senhora Joséfina,  
 Coração de pedra crua,  
 Envenenou o seu homem,  
 Deitou-o à sepultura.

Não é nada, não é nada,  
 Não é nada, mas é muito.  
 Lá baixo vem a justiça  
 A *desinterrar* o defunto.

Eram duas irmãs. Uma foi comprar *caldo* (1) à praça. Um indivíduo enganou-a e abusou da sua fraqueza. Ela em seguida deitou-se a afogar. São cantadas as seguintes quadras:

Oh Olimpia! oh Olimpia!  
 Tu eras a minha amada,  
 Fôste-te deitar ao rio,  
 A agua estava gelada.

A agua estava gelada  
 E o pôço era tão fundo!  
 Oh Olimpia! oh Olimpia!  
 Disseste adeus ao mundo.

(1) Hortaliça.

Disseste adeus ao mundo,  
 Disseste adeus à terra.  
 Oh Olimpia! oh Olimpia!  
 Teu amor anda na guerra.

Teu amor anda na guerra  
 Formado num batalhão.  
 Oh Olimpia! oh Olimpia!  
 Raminho de andar na mão.

Raminho de andar na mão,  
 Raminho de andar no peito,  
 Oh Olimpia! oh Olimpia!  
 Tu eras um amor perfeito.

Se tu eras amor perfeito  
 Quanto tenho te darei.  
 Darei-te a luz dos meus olhos,  
 E eu sem ela ficarei.

Há cêrca dum ano, em Mogadouro, um camião atropelou um homem, matando-o quási instantâneamente. Ouvi cantar em S. Pedro, a propósito do caso, as seguintes quadras:

Já tocam as guitarras,  
 Já tocam com dolorido,  
*Donde* foi dar a alma  
 Á porta do *S. Sr. Rumi*. (1)

Chorava a filha mais velha,  
 Chorava do coração  
 Por vêr o seu pae morto  
 Por baixo do camião.

Chorava a filha mais nova,  
 Chorava, tinha à *rezão*,  
 De vêr o seu pae morto.  
 Vê-lo, lá vai no caixão.

— Bons dias, senhora Maria,  
 Bons dias lhe venho dar.  
 Eu matei o seu homem,  
 Eu não lh'o queria matar.

Um velho moleiro da região, tôdas as vezes que trazia farinha para qualquer freguês da povoação de S. Pedro, em vez de bater à porta ou chamar, cantava os versos seguintes:

Deus te salve, sacco,  
 Sete maquinas te rapo.  
 Uma por te levar,  
 Outra por te trazer,  
 E outra p'ro burro comer.

(1) Ramiro.

Vai a minha Maria,  
Tira a sua maquia.  
Vai a minha mulher,  
Tira o que ela quer.  
Vai o meu creado,  
Este pão inda não está maqueado.  
E se não fosse por me envergonhar  
Nem saco nem baração lhe havia de mandar.

Outra que também é atribuída aos moleiros, é a seguinte:

Moleirinho, vem p'ró céu!  
Senhor, não tenho vagar,  
Tenho o pão na tremoia,  
Está para maquear,  
Come o porco, come a *pita*,  
Come o buro a fartar,  
Depois destas cantigas todas  
Vai a Maria a maquear.

Outra atribuída igualmente aos moleiros:

Boa vida é ser moleiro  
Se não fosse o ser ladrão:  
Quando vai para o inferno  
Leva a maquia na mão,  
E os filhinhos vão de traz,  
— Oh! meu pae dei-a-nos pão.  
— Ide à mãe que vo-lo deia  
Que eu já vou p'ro caldeirão.